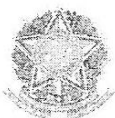


UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PRODUÇÃO CULTURAL

THAÍS FREITAS RODRIGUES

GABRIEL, O MEDIADOR:
O RAPPER COMO ELEMENTO DE LIGAÇÃO

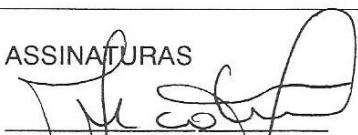

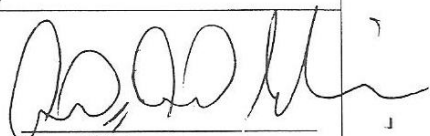
Niterói
2014



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: THAIS FREITAS RODRIGUES	Matrícula: 109.33.006
Título do Trabalho: GABRIEL, O MEDIADOR; O RAPPER COMO ELEMENTO DE LIGAÇÃO	
Orientador: PROF. MARILDO JOSÉ NERCOLINI	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação : 08.01.2014

BANCA EXAMINADORA	
1º Membro (Presidente): Dr. Marildo José Nercolini	
2º Membro:	Dra. Rôssi Alves Gonçalves
3º Membro:	Dr. Luiz Carlos Mendonça

AVALIAÇÃO:		
Análise / Comentário		
<p>A banca aprova o trabalho da aluna Thais e destaca:</p> <ul style="list-style-type: none">* o repertório teórico adequado e variado, o texto é muito bem embasado;* redação correta, texto fluente, monografia muito bem escrita* a relevância de análise feita para o campo de Produção Cultural. <p>Em função disso, recomenda a continuidade da pesquisa em estudos posteriores, como o mestrado.</p>		
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora)		
10,0		
ASSINATURAS		
 1º Membro (Presidente)	 2º Membro	 3º Membro

THAÍS FREITAS RODRIGUES

GABRIEL, O MEDIADOR:
O RAPPER COMO ELEMENTO DE LIGAÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como pré-requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Marildo José Nercolini

Niterói
2014

THAÍS FREITAS RODRIGUES

GABRIEL, O MEDIADOR:
O RAPPER COMO ELEMENTO DE LIGAÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como pré-requisito para obtenção do Grau de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marildo José Nercolini
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dra. Rôssi Alves
Universidade Federal Fluminense

Prof. MSc. Luiz Carlos Mendonça
Universidade Federal Fluminense

Niterói
2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e melhor amiga, meu maior exemplo de amor, lealdade e dedicação. Obrigada pela paciência e por sempre saber exatamente o que dizer, seja quando precisei ouvir suas doces palavras de incentivo, ou os momentos em que foram necessários puxões de orelha. Amo você demais!

Ao meu pai, por investir em mim, por acreditar no meu potencial e por não me deixar desistir no meio do caminho. Eu te amo muito!

À minha irmã, pela paciência, pelas palavras de encorajamento e por dividir comigo esse momento difícil.

Às minhas queridas avozinhas, que sempre me incentivaram e me amaram, cada uma a seu jeito, e aos meus avôs (em memória) por olharem por mim daí de cima.

À amiga Joana d'Arc de Nantes. Dizem que os amigos são anjos sem asas... Você é a melhor prova disso! Obrigada pela confiança e pelo apoio nesses anos todos de faculdade. Eu amo você!

Às amigas Ana Hortides e Bruna Mérida, que acompanharam a minha jornada no curso até o final. Espero que isso seja só o começo de uma longa e bela amizade! Levo vocês no coração!

Ao meu orientador Marildo Nercolini, pela paciência, pelos ensinamentos, pelo bom senso e por se mostrar sempre tão compreensivo e disponível.

À professora Rôssi Alves e ao querido Luiz Mendonça, por me darem a honra de comporem a minha banca.

A todos que, de alguma forma, contribuíram com esse trabalho e torceram pelo meu sucesso.

“Muda, que quando a gente muda
O mundo muda com a gente
A gente muda o mundo na mudança da mente
E quando a mente muda, a gente anda pra frente
E quando a gente manda, ninguém manda na gente
Na mudança de atitude não há mal que não se mude,
Nem doença sem cura
Na mudança de postura a gente fica mais seguro
Na mudança do presente a gente molda o futuro”.

Gabriel, o Pensador.

RESUMO

Este trabalho pretende mostrar de que maneira o artista Gabriel, o Pensador, rapper branco e de classe média, a partir do engajamento no movimento hip hop e suas questões político-sócio-culturais, confirmou seu papel de mediador entre morro e asfalto e conseguiu propagar os ideais dessa cultura para além das fronteiras da periferia. Partiu-se da exposição da história do hip hop, de sua abrangência, de seu impacto na sociedade, e de como isso influenciou o estilo eclético e peculiar do compositor. Outro ponto relevante para entender sua função como elemento de ligação entre grupos distintos foi a verificação da combinação de estratégias de divulgação utilizada para ampliar seu âmbito de atuação. Este grupo de estratégias incluiu a mescla de ritmos representantes das várias regiões brasileiras ao rap, e as diversas homenagens a compositores consagrados, com a inserção de trechos de suas músicas em seus raps, atitudes que lhe renderam a conquista de fãs de fora da comunidade rap/hip hop. Finalmente, foi promovido o confronto da obra e da postura política de Gabriel com conceitos como globalização, cultura, identidade, entre-lugar e mediação, como embasamento teórico da hipótese pesquisada, por serem conceitos pertinentes e afinados com suas letras e atitudes.

Palavras-chave: hip hop; rap; Gabriel, o Pensador; mediação; identidade; entre-lugar.

ABSTRACT

This work aims to show how the artist Gabriel, o Pensador, white and middle class rapper, through his engagement in the hip hop movement and its political and social-cultural issues, confirmed his role as a mediator between slums and suburbs and was able to propagate the ideals of the hip hop culture beyond the boundaries of the ghetto. It begins with the exhibition of the history of hip hop, its scope, its impact on society, and how it influenced the eclectic and quirky style of the composer. Another relevant aspect to understanding his function as a liaison point between different groups was checking the combination of outreach strategies used to expand his scope of action. This group of strategies included the mixture of representative rhythms of various Brazilian regions to rap, and various tributes to well known composers, with the inclusion of samples from their songs in his raps, attitudes that earned him the conquest of fans outside the rap/hip hop community. Lastly, it is exposed the confrontation of the work and the political posture of Gabriel with concepts such as globalization, culture, identity, in-between space and mediation, as theoretical basis for the hypothesis researched, as they are relevant concepts, attuned to his lyrics and attitudes.

Keywords: hip hop; rap; Gabriel, o Pensador; mediation; identity; in-between space.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1 – HIP HOP – ORIGEM, REPERCUSSÃO E ABRANGÊNCIA.....	12
1.1 – Hip hop - Origem.....	14
1.2 – Hip hop no Brasil.....	17
1.3 – Expansão da cultura Hip Hop.....	19
CAPÍTULO 2 – GABRIEL, O PENSADOR: ELEMENTO DE LIGAÇÃO.....	24
CAPÍTULO 3 – GABRIEL: FRAGMENTOS, POSICIONAMENTO E ATITUDE.....	34
3.1 – Gabriel por Gabriel.....	34
3.2 – O Pensador – Aqui, lá e em todo lugar.....	36
3.3 – Crítica Social – Detonando estereótipos e preconceitos.....	38
3.4 – Gabriel – o Mediador.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
RELAÇÃO DOS CDS COM RESPECTIVAS MÚSICAS CITADAS E/OU ANALISADAS.....	50
ANEXOS.....	52

INTRODUÇÃO

Nos anos 1970, nascia um movimento que viria a representar os jovens negros e latinos das periferias das grandes cidades americanas: o hip hop. Com as facilidades proporcionadas pelo processo de globalização e ampliação dos meios de comunicação, periferias do mundo todo tomaram conhecimento, se identificaram e se utilizaram do estilo para abordar seus próprios problemas. No Brasil, já na década de 1980, traduzido nas questões tratadas, o hip hop passa a refletir a discriminação social e o cotidiano violento das comunidades carentes das metrópoles brasileiras.

Nessa época, o rap era produzido e cantado quase que exclusivamente por representantes dessas comunidades periféricas. Uma das exceções era Gabriel, o Pensador, um jovem branco, de classe média alta, que, a partir dos anos 1990, toma emprestado o ritmo para ampliar o âmbito do protesto para além das fronteiras das comunidades. Para tanto, enfrentou preconceitos, apareceu nas mídias, levou seus shows aos quatro cantos do Brasil e também para o exterior, cantando histórias cotidianas do brasileiro comum, tocando em problemas que afetam a todos indistintamente e, principalmente, cobrando das pessoas atitude e contestação às injustiças sociais e ao descaso de quem pode reverter a situação.

O início da carreira de Gabriel, em 1992, foi marcado por uma polêmica: o rap “Tô Feliz (Matei o Presidente)”, que chegou a figurar nas listas das músicas mais pedidas, teve sua execução desencorajada nas rádios pelo Ministério da Justiça.

Neste ano, em 2013, Gabriel comemora uma efeméride: vinte anos de carreira, que começou com o lançamento de seu primeiro CD, quando sua geração mobilizou-se para matar, metaforicamente, o Presidente Fernando Collor. Desde então, foram gravados outros sete CDs, sendo um para crianças, um DVD, cerca de vinte videoclipes, além de ter escrito três livros e recebido onze prêmios por vários de seus trabalhos, entre eles o Jabuti de Literatura, conquistado com o livro “Um garoto chamado Rorbeto” (2006).

Também em 2013, duas décadas depois do movimento em prol do impeachment do Presidente Collor, o Brasil foi às ruas novamente. Foi para manifestar seu descontentamento, foi protestar contra o opressivo descaso do governo com as necessidades básicas dos cidadãos e reivindicar dignidade. Dentre os muitos slogans que apareceram nas faixas carregadas pelos jovens manifestantes, encontravam-se: "Muda, que quando a gente muda, o mundo muda com a gente", e outros trechos da canção “Até Quando?”, do quinto disco de Gabriel¹. Mas, muitas

¹ Ver Anexo A (p. 51), com as fotos de cartazes levados às manifestações, com frases de músicas de Gabriel, o Pensador.

outras músicas e mensagens do Pensador se aplicariam à situação. Afinal, o compositor sempre apontou o inconformismo como o primeiro passo para o enfrentamento dos problemas.

A escolha do objeto desta monografia foi bastante influenciada pelos flagrantes de fragmentos da obra de Gabriel, o Pensador, capturados durante as manifestações de 2013, já que desde minha pré-adolescência, ele tem sido uma figura importante no despertar da consciência político-social. Morando fora do país, Gabriel foi o único contato possível com o rap brasileiro, aparecendo nos programas veiculados pela Globo Internacional.

Este trabalho foi desenvolvido a partir da hipótese de que a obra do rapper Gabriel, o Pensador, além de ter logrado promover o movimento hip hop no Brasil, divulgando seus ideais para além das fronteiras das periferias, passando adiante a mensagem da cultura hip hop para um público que não se restringe apenas aos fãs deste gênero, funcionou como um elemento de ligação entre grupos distintos.

O objetivo desta monografia foi mostrar como um jovem branco, de classe média, estudante de escolas particulares e uma das universidades mais caras do Rio de Janeiro, abraçou as causas do hip hop, e usou o rap como fator de união, promovendo o respeito e a conscientização.

Para entender as motivações, o envolvimento e a construção da carreira do Pensador, no primeiro capítulo buscou-se a origem e a contextualização do hip hop, sua importância sócio-político-cultural, a história e a trajetória do estilo no Brasil.

No segundo capítulo, foram abordadas questões como identidade, mediação e entre-lugar, conceitos afinados com a obra e a postura de Gabriel. Para tal, fez-se necessária uma pequena biografia do rapper e escritor, focando não só sua trajetória profissional, mas suas atitudes e engajamento nas causas sociais.

Por fim, no último capítulo, a intenção foi analisar, com embasamento nos conceitos pesquisados no capítulo anterior, uma amostra da obra de Gabriel, de seu estilo irreverente e bem humorado, bem como de suas estratégias de divulgação, que incluem uma linguagem acessível a diferentes regiões, camadas sociais e faixas etárias. Foram analisadas músicas de seis, de seus oito CDs. Nesse capítulo, foram destacados os trabalhos que evidenciam, de forma óbvia ou sutil, a presença do compositor no entre-lugar, seja em referência aos polos morro/asfalto, EUA/Brasil, ou Rio/São Paulo e sua postura de mediador entre classes e estilos.

CAPÍTULO 1

HIP HOP – ORIGEM, REPERCUSSÃO E ABRANGÊNCIA

O processo de globalização diminuiu distâncias, flexibilizou fronteiras e ajudou a superar limites. Porém, o acesso a outras culturas não é democratizado e boa parte do planeta permanece excluída, especialmente nos países pobres, onde os contrastes sociais são mais evidentes. José Saramago (2001), em entrevista à revista espanhola *Turia*, chega a declarar que ela é uma forma de totalitarismo, embora aponte que uma saída para uma globalização imparcial seria recorrer às teorias de Marx e Engels:

A globalização econômica é compatível com os direitos humanos? Temos de nos colocar essa pergunta e verificar que a resposta é que ou existe globalização ou existem direitos humanos, por mais que os poderes tenham a hipocrisia de dizer que a globalização favorece os direitos humanos, quando o que ela faz é fabricar excluídos. A globalização é simplesmente uma nova forma de totalitarismo, que não precisa chegar sempre vestindo uma camisa azul, marrom ou preta e com o braço em riste; o totalitarismo tem muitas faces, e a globalização é uma delas. Para reverter a situação, seria preciso voltar a Marx e a Engels, embora seja quase politicamente incorreto se referir a esses cadáveres da história quando a ideologia parece que morreu (SARAMAGO, *apud* AGUILERA, 2010, p. 449).

Em seu livro “Por uma outra globalização”, Milton Santos sugere que se pense em três vertentes da globalização, ou, nas palavras do autor, “três mundos num só” (SANTOS, 2001, p. 18). A primeira vertente seria a globalização como fábula, ou um mundo idealizado, homogêneo e acessível a todos. A segunda seria a globalização “perversa”, que trata da manipulação capitalista e o alastramento de uma série de mazelas, tais como: o desemprego, a pobreza, a perda de qualidade de vida, a fome, o desabrigo, as novas enfermidades etc. Por fim, Santos fala de uma outra globalização, um mundo que pode ser construído se pensado de uma forma mais humana, onde os mesmos recursos usados na segunda vertente podem ser postos a serviço de fundamentos sociais e políticos mais justos e abrangentes.

O hip hop consagrou-se como elemento de agregação e inclusão de jovens moradores de periferia, que reconheceram no estilo uma maneira de se expressar e fazer ouvir sua opinião. O movimento conferiu voz e visibilidade às comunidades periféricas dos grandes centros urbanos, dando a conhecer seus problemas cotidianos e seus anseios.

Ao mesmo tempo em que as comunidades podem se identificar e se ver representadas no movimento, também podem mostrar seus diferenciais nos temas que refletem, via de regra, o cotidiano específico da localidade, o que auxilia na busca de um estilo ou marca própria que as distinga. Segundo Rocha, Domenich e Casseano (2001), o hip hop, por seu alcance global e

massivo, é mais que apenas um estilo de música, é uma “nação” que congrega excluídos do mundo inteiro.

Quatro pilares sustentam a cultura hip-hop: o mestre de cerimônia – MC e o *Disk Jockey* – DJ (que juntos compõem o rap), o break e o grafite. Para o rapper Big Richard (2005, p.36), “[...] todos têm um objetivo comum: a transmissão de uma mensagem consciente, relacionada com a realidade vivida em seu meio de origem [...]”.

O MC é responsável pelas letras e pelo *beatbox* (percussão vocal) e por disseminar informações atualizadas sobre assuntos diversos, pertinentes ao cotidiano de sua comunidade. Como trabalham juntos, o entrosamento e a sintonia entre MCs e DJs é requisito importante para o produto final.

O rap é realizado por cima de uma base rítmica, que é tocada pelo DJ, que pode utilizar técnicas como o *scratching* (som produzido pelo arrastar da agulha no disco de vinil, num movimento de vaivém), *sampling* (inserção digital de trechos ou amostras de outras músicas), entre outras.

O break, a dança de rua desenvolvida no hip hop, influenciada por outras danças afro-americanas, objetivava transpor a insatisfação da juventude dos guetos nova-iorquinos com a política e com a guerra do Vietnã (RICHARD, 2005). Através de movimentos como o giro de cabeça, os b.boys (como ficaram conhecidos os break boys, meninos que dançavam o break) rodavam suas pernas no ar, remetendo às hélices dos helicópteros utilizados na guerra, além de reproduzirem passos que faziam alusão aos feridos.

O grafite é a expressão do hip hop através das artes plásticas, uma pintura que utiliza a paisagem urbana como tela. De início, só os *tags* (assinaturas) eram pichados, como forma de participação e de resistência ao sistema (CORNIANI, 2002) e para demarcar território, mas posteriormente, DJ Kid, seguido de outros grafiteiros, passou a desenhar figuras, juntamente com letras mais bem elaboradas.

Ilustra bem o alcance do movimento e a persistência de seus membros o trecho da entrevista dos Gêmeos Grafiteiros, Gustavo e Otávio Pandolfo, concedida à revista Caros Amigos: “[...] se o cara segurar suas mãos, você canta, se tapar sua boca, você dança. O importante é continuar dizendo a verdade” (PANDOLFO *apud* GUIMARÃES, 2007, p. 182).

O rap, expressão verbal da cultura hip hop, é um estilo musical que se caracteriza pela ênfase na letra, muitas vezes improvisada, dita de forma rápida, rimada e ritmada. Para muitos, o termo rap é uma sigla cujo extenso é *Rhythm And Poetry* (ritmo e poesia), mas também é provável que seu significado venha da palavra inglesa *rap*, que, de acordo com o

Michaelis Moderno Dicionário Inglês & Português, quer dizer: golpe ou pancada seca ou, ainda, conversa informal, discussão.

A associação do termo ao estilo musical deve-se à cultura hip hop, que é também a fonte de outros vocábulos e expressões. O próprio rap lançou e popularizou expressões que tomou emprestadas ao inglês coloquial falado na América, como por exemplo, *free style*², *mixer*³, *sampling*⁴, entre outros.

1.1. Hip hop – Origem.

O princípio do rap pode ser buscado na cidade de Kingston, na Jamaica, onde, por volta dos anos 1960, era comum utilizarem os *sound systems* para animar as festas de rua. Esses sistemas de som consistiam em uma aparelhagem composta por dois toca-discos interligados, dois amplificadores e um microfone (SILVA, 1998). Nesses bailes ao ar livre surgiram os *toasters*, autênticos Mestres de Cerimônia (MCs), que saudavam as pessoas que chegavam, e discursavam a respeito de temas polêmicos como consciência social, violência, política, sexo e drogas.

Com a economia revitalizada após a segunda guerra mundial, os Estados Unidos investiram em tecnologia e trataram de por na mídia o chamado *american way of life*. Na década de 1960, o país consolidou sua posição de líder em produção de informação, e acontecimentos como a corrida espacial, o lançamento da primeira pílula anticoncepcional e grupos de ideologia libertária, como os *Hippies* e os jovens franceses de maio de 1968 fizeram eclodir, no mundo, vários movimentos de contracultura que se opunham aos modelos culturais e sociais vigentes.

Os movimentos de contracultura foram decisivos para os anos 1960 e 1970, pois revolucionaram o comportamento, a estética, a cultura, as artes e a moda, minando os alicerces da sociedade como se conhecia. A liberdade conquistada para criação e expressão produziu e acolheu uma variedade de ritmos e estilos impensáveis nas décadas anteriores e que ecoam até os dias de hoje.

Em 1966, foi criado o Movimento dos Black Panthers que, com ideologia marxista, defendia os direitos dos negros e lutava contra a truculência praticada pelas instituições

² “Free style – estilo de grafite que não segue regras, técnicas e lugares. A espontaneidade é total, muitas vezes entrando em harmonia com o ambiente. Quando se refere ao rap, significa improviso nas rimas” (ROCHA, DOMENICH, e CASSEANO, 2001, p. 143).

³ “Mixer – aparelho que, além de unir os toca-discos, ajusta a sincronidade dos vinis; com ele criam-se efeitos musicais” (*Ibidem*, p. 145).

⁴ “Sampling (“samplear”) – apropriação de materiais previamente gravados, normalmente sem observar direitos autorais prescritos em lei” (*Ibidem*, p. 146).

policiais sobre os jovens nos guetos dos Estados Unidos. Embora esse movimento tenha sido duramente perseguido, influenciou a comunidade negra, repercutindo em todo o mundo. Mais tarde, o hip hop iria resgatar esses ideais.

Ao final daquela década, acirraram-se os confrontos étnico-raciais, culminando na morte do líder negro Martin Luther King, em 1968. É nesta época que muitos jovens jamaicanos migram para os Estados Unidos em decorrência da crise econômica e social que a ilha atravessava.

No bairro do Bronx, periferia de Manhattan, em Nova Iorque, a juventude excluída, em sua maioria composta de afrodescendentes e latinos, enfrentava problemas como o tráfico de drogas, as brigas entre gangues e a falta de perspectivas. Buscando uma alternativa que melhorasse a autoestima dos jovens e lhes possibilitasse algum entretenimento, o DJ Afrika Bambaataa organizou e promoveu bailes nas ruas ou em galpões abandonados. Os jovens expatriados jamaicanos, então, começaram a mostrar suas criações musicais, que, com o tempo, passam a ser chamadas de rap, nessas grandes festas populares, denominadas de *block parties*, e acabaram por introduzir a prática do MC. Este subia ao palco com o Disk Jockey (DJ) e animava a multidão, gritando e rimando. Atribui-se a Clive Campbell, mais conhecido como DJ Kool Herc, as primeiras apresentações do que viria a ser o rap. Foi ele quem levou os *sound systems* para os guetos do South Bronx. Também se destacou neste período o DJ Grandmaster Flash, responsável por experimentar e aprimorar os métodos e as técnicas da produção de efeitos sonoros do hip hop.

As disputas entre gangues começaram, a partir daí, a derivar para disputas entre seus MC's e b.boys representantes. O rap se torna um canal de expressão de suas realidades, a maneira que encontraram para narrar o que viviam, onde viviam e suas lutas. As letras já esboçam, a partir de então, quais seriam os ideais do hip hop: melhorar a autoestima da juventude excluída e conscientizá-la da necessidade de lutar por uma realidade mais justa.

O subgênero que caracterizava essas disputas ficou conhecido como *free style*, já que sua principal característica era o improviso. Por ser um movimento que estimula a criatividade e a descoberta de um estilo pessoal, dezenas de outros subgêneros surgiram e passaram a compor a história do rap, representando sua região de origem e também se mesclando com outros ritmos.

Algumas formas possíveis de classificação para esses diferentes gêneros seriam quanto ao segmento (*mainstream* ou *underground*) ou ao estilo (técnicas utilizadas, postura, tipo de letra etc.). Sobre isso, em entrevista disponibilizada no portal Rap Nacional, em 2011, o

rapper DBS menciona que “o rap é o estilo musical mais mutante que existe, ele se transforma e se adapta a cada país e região, com sua diferença de crença, tradições e história, em um país como nosso que tem de tudo um pouco, é natural *[sic]* as divisões de estilo”⁵.

Parte dos pesquisadores estudados associa a criação do termo hip hop ao DJ Afrika Bambaataa, mas, alguns como Pablo Bastos (2008), acreditam que a expressão já havia sido utilizada antes pelo MC Lovebug Starski para se referir à dança praticada nos bailes de rua. Reconhecem, no entanto, que, além de ter sido responsável pela junção dos elementos componentes do hip hop, o DJ Bambaataa foi o maior divulgador do termo que, numa tradução livre do inglês, significa saltar e movimentar os quadris.

Nesta época todo mundo no Hip Hop começou a pirar: Grandmaster Flash apareceu com os cortes rápidos (quick cutting) e mixagens, assim como DXT apareceu com seus sons de scratch e Kool Herc com seu enorme sistema de som que bombava muito – a cultura começou daí. Tinha um pouco de violência, mas a gente sempre tentou resolver os problemas e através da Universal Zulu Nation colocamos os quatro elementos da cultura juntos, os dançarinos, os rappers, DJs e MCs e os grafiteiros. Por volta do fim dos anos 70, eu estava tentando equilibrar um pouco a coisa toda para unificar o povo e resolvi adicionar um novo elemento: a sabedoria. Mais tarde, nos anos 80, chegamos ao que seria nosso guia para os anos 90 e para o próximo milênio, que é: sabedoria, cultura e aceitação (BAMBAATAA, *apud* BASTOS, 2007, p. 4).

Em 1973, Bambaataa funda a Universal Zulu Nation, organização sem fins lucrativos, que incentiva atividades culturais, e adota como lema “paz, união, amor e diversão”. Espelhada nos ideais do movimento hip hop, a Zulu Nation conta hoje com filiais ao redor do mundo e abriga programas que auxiliam o jovem na busca de suas raízes, fortalecendo sua identidade e contribuindo para a melhora de sua autoestima. Atualmente, a Zulu Nation é a maior posse de hip hop.

As posses são organizações ou associações de pessoas ligadas ao hip hop – rappers, grafiteiros e b.boys – que intencionam, além do aprimoramento de sua arte, levar cultura e lazer à comunidade onde se inserem. Muitas dessas posses consistem em pontos de resistência e reivindicação por melhoria das políticas públicas e de ações sociais. Silva (1998) acrescenta que, apesar de nem sempre os aspectos artístico e político serem equilibrados, foi na busca desse equilíbrio entre os dois que a maioria das posses foi formada.

⁵ Disponível em: <<http://www.rapnacional.com.br/portal/o-rap-e-seus-estilos-diferentes-de-rimar-saiba-o-que-cinco-rappers-pensam-sobre-o-tema/>>. Acessado em 11 de outubro de 2013.

1.2. Hip Hop no Brasil.

No Brasil, alguns compositores já flertavam com o estilo, nas décadas de 1960 e 1970, como, por exemplo, Jair Rodrigues, na sua música “Deixa isso pra lá”, de 1964 e Gerson King Combo, em “Mandamentos Black”, de 1977. “Melô do Tagarela”, criada por Arnaud Rodrigues e Luis Carlos Miele, em 1979, inspirada em “Rapper’s Delight”, de Sugarhills Gang, foi considerada por muitos a precursora do rap nacional.

Nesta época, anos 1970, os bailes Black viveram seu auge, apesar da repressão. Artistas como Jorge Ben, Tim Maia, Gerson King Combo, Toni Tornado e equipes de som animavam as festas dançantes que reuniam centenas de jovens. Jovens negros assumiam com orgulho suas raízes, sua tradição e seus cabelos. Nesses bailes, o repertório variava entre Soul, Rythm&Blues, Slow Jam, Samba-Rock e Funky Soul, gênero popular lançado por James Brown, que consistia numa versão enérgica do Soul, mais apropriada para dançar. Os discos importados lançavam o que viria a ser a semente do funk e do hip hop brasileiro.

Os anos 1980 no Brasil foram marcados por uma crise econômica que trouxe a inflação e o desemprego. Na política, o país vivia o processo de redemocratização, e o povo ia às ruas por eleições diretas. Em São Paulo, os conflitos trabalhistas geravam protestos e greves.

É esse o cenário da origem histórica do rap brasileiro. Para muitos autores, como José Carlos Silva (1998) e Wivian Weller (2000) essa origem está nos encontros de jovens moradores da periferia paulista, que, nos finais de semana, participavam das festas lideradas pelo dançarino breaker Nelson do Triunfo e seu grupo Funk & Cia. Na época, o estilo era chamado de Funk Falado. Os primeiros rappers, denominados, então, de “tagarelas”, foram compondo ou falando e rimando de improviso sobre o som da base musical. As festas de rua começaram no centro da cidade de São Paulo, na estação de metrô São Bento e na Rua Vinte e Quatro de Maio, depois migraram para a Praça Roosevelt, e então para as periferias, onde já se costumava ouvir Black Music.

De acordo com Big Richard (*apud* DJ TR, 2007), por ser tão pouco conhecido no Rio de Janeiro, o movimento hip hop não tinha força suficiente para conseguir formar as posses. No entanto, surge a ATCON (Atitude Consciente), associação de hip hop baseada quase que exclusivamente no rap e precursora de questões mais politizadas. Os encontros aconteciam no CEAP (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas) e um de seus membros mais famosos era Gabriel, o Pensador.

A grande popularização do rap como gênero musical, de acordo com Rocha, Domenich e Casseano (2001), aconteceu com o lançamento do CD dos Racionais MC's, "Sobrevivente no Inferno", em 1997, já que o disco, produzido pelo selo desse grupo, Cosa Nostra, vendeu mais de um milhão de cópias. Em 1998, com o videoclipe "Diário de um detento", o grupo venceu o prêmio VMB (Video Music Brasil) na categoria "Escolha da Audiência". Ressalta-se o fato de que essa audiência de TV a cabo era provavelmente composta pelos mesmos "playboys" aos quais se referiu Mano Brown nos agradecimentos, quando diz que sua mãe já lavou muita roupa "pra playboy" (RESENDE, 2002, p. 161).

A princípio, o hip hop surge no Brasil como um movimento estético de música e dança, mas, com o tempo, assume também a função de conscientizar e lutar pelas causas das populações periféricas, estranhas aos grandes centros, constituindo-se numa forma artística impregnada de sentido identitário e contestatório, como é possível perceber, por exemplo, na letra de "Eu sou o Rap", do Projota:

[...] Eu sou o silêncio do luto da humanidade
Eu sou o barulho do grito da dignidade
Eu sou a morte em cada viela dessa cidade
Eu sou a vida em cada favela deixo saudade
Sou 4 ou 5 manos que saem do crime
Que me utilizam pra empregar no mundo esse regime
Sou firme resultante do ódio e do amor contidos
Sou regeneração de quem chamavam de bandidos
Sou um tapa na sua cara se isso for preciso
Se você me usar pro mal eu te derrubo e te piso
Se você me quer por interesses profanos
Você será cobrado, sim, pelos seus próprios manos
Posso te transformar num fracassado ou num herói
Vou te bater pra ver se aguenta o quanto a vida dói
Vou te testar, fazer sofrer por vários meses
Mas se me amas não negue meu nome por 3 vezes

Vou te fazer viver, vou te fazer sonhar
Vou te fazer querer, vou te fazer lutar
Vou te fazer sofrer, vou te fazer chorar
Vou te fazer tremer, vou te fazer gritar
Fazer sentir que tudo pode ser melhor
Fazer sentir que tudo pode ser maior
Eu sou o rap, eu sou [...] ⁶

Além de suas funções de entretenimento e denúncia, o movimento hip hop desperta em seus integrantes o senso crítico e a consciência dos problemas enfrentados. Muitos grupos

⁶ Projota. Eu sou o rap (2ª faixa do álbum "Projeção"), 2010. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/projota/1754756/>>. Acessado em 29 de outubro de 2013.

executam trabalhos sociais em suas comunidades, com ou sem apoio do governo, atitudes que ilustram bem o conceito de cidadão no entender de García Canclini:

[...] ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem com que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades (CANCLINI, 2000, p. 46).

Tratar dos problemas específicos da juventude das periferias fez com que os integrantes do movimento hip hop se interessassem em investigar e estudar a trajetória da população negra na América e no Brasil. Livros como “Negras Raízes”, de Alex Haley, “Escrevo o que eu Quero”, de Steve Byko, bem como as biografias de Martin Luther King e Malcom X, “O que é Racismo”, de Joel Rufino dos Santos e “Quilombo – Resistência ao Escravismo”, de Clóvis Moura, passam a figurar na bibliografia de interesse dos rappers (SILVA, 1999).

1.3. Expansão da cultura hip hop.

O hip hop, a princípio surgido nos guetos e periferias, para funcionar como propulsor da autoestima e se constituir numa alternativa positiva à criminalidade e à violência, acabou funcionando como emancipação social para muitos artistas, chegando a níveis de exacerbação de ostentação de riqueza por alguns rappers expoentes.

A mídia norte americana descobriu cedo o potencial econômico e marqueteiro do movimento. O mercado, sempre ávido por novidades, não tardou a exibir a arte engajada do hip hop, que começou a aparecer em filmes e clipes. Nos anos 1980, no auge da popularidade, a moda hip hop desfilava nas ruas dos grandes centros. Para os jovens rappers, que começavam a lucrar com sua arte, o que melhor simbolizaria a superação da pobreza e da discriminação seria o consumo das marcas e grifes antes acessível apenas às classes mais abastadas.

No rap brasileiro, embora tenha sido preservado o perfil engajado e o caráter de denúncia e reivindicação, a atitude agressiva original, importada dos Estados Unidos, foi, a princípio, rejeitada até mesmo pelos próprios frequentadores dos bailes de rua. Aqui, o rap cedeu lugar a uma postura menos violenta, mais voltada para o entretenimento e só depois, aos poucos, foi ganhando contornos de movimento social.

O hip hop enfrentou, no seu começo, preconceito e repressão. O movimento era visto como “coisa de gangues” ou de bandidos e as forças policiais agiam com truculência. Isso foi

abrandado com a penetração nas classes mais altas, que não só passou a frequentar os bailes e shows, como lançou artistas que abraçaram a cultura do movimento, ajudando a combater a visão equivocada sobre esses ideais.

Com a visibilidade que a mídia trouxe para o movimento, o hip hop começa a romper as fronteiras da periferia e a fazer adeptos nos grandes centros, arrebatando novos seguidores em outras classes sociais. Jovens de classe média identificam-se com o caráter inconformista e aderem ao estilo. O público nem sempre abraça sua causa político-social, muitos buscam apenas o entretenimento, mas de certa forma, divulgam e trazem visibilidade para as mensagens passadas nos grafites e nas letras de rap.

Segundo Jacimar Gomes (2009), o rap carioca foi influenciado, durante um período, pelo rap paulista, que adotava o jeito nova-iorquino, mas com o tempo, encontrou seu próprio caminho, usando como referência o rap que se fazia em Miami, o Miami Bass. Cada estado buscou seu estilo, imprimindo ao que ouvia sua própria linguagem. O rapper MV Bill, figura notória da cultura hip hop, acredita que o rap carioca ainda pode se apropriar mais de suas características locais e culturais:

É inconcebível que um grupo de rap carioca fale “morou, mano?”, ou “é nós na fita”, igual aos caras de São Paulo. Porque isso não é gíria de hip hop, é gíria de São Paulo, como “já é!” é gíria do Rio de Janeiro. [...] uma coisa que eu tenho dito é que eu acho que os grupos precisam se preocupar em sair da caricatura. Sair da caricatura é não querer ser o Mano Brown, porque só vai existir um. A gente tem que olhar novas coisas.⁷

Uma classificação que os meios musicais utilizam para diferenciar seguimentos de um determinado gênero, conforme as estratégias de divulgação e consumo é o *underground* (produto menos comercial) ou o *mainstream* (mais palatável às massas). No rap, essa classificação inaugurou uma polêmica: de um lado, os artistas que acreditam que a mídia desvirtua os ideais do movimento em prol de modelos mais comerciáveis, e de outro, os que acreditam que a exposição extra é positiva no sentido de que traz, além de retorno financeiro, mais visibilidade para as questões apresentadas. De qualquer forma, o rap brasileiro, ao contrário do americano, seja *mainstream* ou *underground*, conservou seu foco no engajamento político e social. Thaíde, um dos pioneiros do movimento paulista, reforça, com sua fala, a importância da união dos artistas de ambas as correntes para o fortalecimento da cultura hip hop:

[...] Tem que ampliar o nosso espaço, o que é nosso. A gente desce a lenha em um monte de gente, mas não vai lá ocupar o espaço deles. Vamos parar

⁷ Disponível em: <<http://smusica.blogspot.com/2006/12/o-hutuz-rap-festival-do-bernardo.html>>. Acessado em 28 de outubro de 2013.

de reclamar e fazer nossa parada, produzir um bom show, fazer uma música comercial, sim, por que não? A gente tem que ter programa de TV nosso, tem que ter música na novela, revista em quadrinhos dos rappers brasileiros, tudo o que os caras lá fora têm [...] (Thaíde, *apud* GOMES, 2009, p. 111).

A princípio, no Brasil, a divulgação do rap enfrentou certa dificuldade, o acesso aos discos estrangeiros (LPs) era privilégio das classes mais abastadas e, não havendo ainda a Internet, era com o rádio e a televisão que os artistas contavam para mostrar seu trabalho. Era nos bailes Black que os primeiros dançarinos de break encontravam espaço. Algumas novelas da rede Globo foram um canal importante para dar visibilidade e massividade ao movimento. O primeiro pilar do hip hop a marcar presença nas novelas foi a dança, na abertura de Partido Alto, de 1984, em que, em um trabalho assinado por Hans Donner, Nelson Triunfo e o grupo Funk e Cia. dançavam o break. Na década de 1990, baseado na versão americana, a MTV Brasil produziu o programa “Yo!”, que apresentava clipes nacionais e estrangeiros, além de entrevistas com rappers.

Nos anos 1990, o hip hop alcança status de moda e as classes média e alta passam a consumir seus produtos. Vários filmes e livros versando sobre temas pertinentes às favelas são lançados, e o rap já é ouvido nas festas mais sofisticadas. Sobre isso, Herschmann (2000, *apud* Galvão, 2006) comenta que os elementos do estilo marcam, a partir dessa época, presença nos programas de televisão, publicidade e casas de espetáculo de áreas nobres, e que os jovens de classe média começam a aderir ao vestuário característico do movimento, usufruindo de seu patrimônio cultural. Num trecho da música “Negro Drama”, dos Racionais MC’s, é narrado o diálogo com uma mãe de classe média, cujo filho se identificou e se apropriou do estilo:

[...] Problema com escola,
Eu tenho mil,
Mil fita,
Inacreditável, mas seu filho me imita,
No meio de vocês,
Ele é o mais esperto,
Ginga e fala gíria,
Gíria não, dialeto

Esse não é mais seu,
Hó,
Subiu,
Entrei pelo seu rádio,
Tomei,
Cê nem viu,
Nóis é isso ou aquilo,

O quê?
Cê não dizia,
Seu filho quer ser preto,
Rhá,
Que ironia,

Cola o pôster do 2Pac aí,
Que tal,
Que cê diz?
Sente o negro drama,
Vai,
Tenta ser feliz [...] ⁸

Para Herschmann (1997), o funk e o hip hop são manifestações culturais que enxergam legitimidade na apropriação de outros patrimônios culturais. Seja nas artes plásticas, na dança ou na música, o hip hop acolhe, permite e mantém uma infinidade de possibilidades de combinações com outros estilos, expondo-se a diálogos tanto locais, quanto estrangeiros. Essa prática é fundamental para o processo de renovação e, além de incentivar a produção de novas formas de expressão, desenvolve o senso crítico de seus membros e lhes facilita o trânsito entre diferentes realidades socioculturais. Desta forma, esses estilos apropriam-se e são apropriados por diferentes grupos e camadas sociais, integrando-se a um panorama cultural maior, que retrata, não mais uma realidade estritamente local, mas também, problemas e questionamentos políticos e sociais mais abrangentes.

A década de 1990 foi considerada a época de ouro para o hip hop. Em São Paulo, nomes como o de Thaíde e DJ Hum, Racionais MCs, Pavilhão 9, Detentos do Rap, Câmbio Negro, Xis & Dentinho, entre outros, se firmavam no mercado, vendendo milhares de discos. No Rio de Janeiro, surge MV Bill, o Planet Hemp, de Marcelo D2, que mesclava reggae e rock ao rap, e Gabriel, o Pensador, que começou sua carreira com a gravação do rap “Tô Feliz, Matei o Presidente”, inspirada na figura do Presidente Fernando Collor, que no mesmo ano ⁹ acabou sofrendo impeachment.

Assim como o rap, o grafite, que se consagrou nos anos 1990, conta com artistas de origem variada. Jovens de classe média que estudaram artes dividem o espaço urbano com outros que, vindos da periferia, obtiveram seu aprendizado em organizações não governamentais e outros movimentos sociais. Despontaram, nessa época, nomes como os Gêmeos: Otávio e Gustavo, Nunca, Nina, Speto, Tikka e T. Freak, que divulgaram a arte brasileira, expondo seus trabalhos nos maiores centros culturais do planeta, trazendo prêmios

⁸ Racionais MC's. Negro Drama (5ª faixa do Disco 1, do álbum “Nada como um dia após o outro dia”), 2002. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/racionais-mcs/63398/>>. Acessado em 28 de outubro de 2013.

⁹ O presidente Fernando Collor de Mello foi afastado do cargo devido a escândalos de corrupção, e renunciou ao cargo em 29 de dezembro de 1992 para evitar seu impeachment.

e o reconhecimento do país como um dos melhores representantes desta arte no ranking mundial.

Esta pesquisa quer se ater a Gabriel, o Pensador, jovem branco e de classe média, que produz sua música mesclando, eventualmente, a batida do hip hop com outros ritmos estrangeiros e brasileiros, como o reggae, o rock, o jazz, o samba, o pagode, o axé e o xaxado, utilizando, inclusive, trechos de canções emblemáticas de outros artistas. Na contracapa do seu primeiro CD, homônimo, o rapper ressalta a gratidão e admiração aos compositores e intérpretes de outros gêneros, que “emprestaram” trechos que foram inseridos em suas composições: “Agradeço pela força e mando um alô para: [...] Geraldo Vandré, Chico Buarque, Paralamas, Racionais, Fernanda Abreu e Ultraje a Rigor por entenderem que samplear não é roubar, e sim uma forma de homenagear”.

CAPÍTULO 2

GABRIEL, O PENSADOR: ELEMENTO DE LIGAÇÃO

O público tem pressa. A vida de hoje, vertiginosa e febril, não admite leituras demoradas, nem reflexões profundas. A onda humana galopa, numa espumarada bravia, sem descanso. Quem não se apressar com ela, será arrebatado, esmagado, exterminado. O século não tem tempo a perder. A eletricidade já suprimiu as distâncias: daqui a pouco, quando um europeu espirrar, ouvirá incontinentemente o “Deus te ajude” de um americano (BILAC, 1901)¹⁰.

O trecho acima se referia à utilização de imagens no jornalismo, o que o autor sentenciava como o fim da leitura. Mas prenunciava a velocidade com que a cultura viria a ser consumida com os subsequentes avanços tecnológicos e dos meios de comunicação de massa.

O processo de globalização promove reflexão sobre as questões culturais e identitárias, fazendo com que se repense certezas, antes inquestionáveis. O novo percebido e refletido pode ser incorporado e bem vindo, mas também pode reforçar o que já existe. Assim, tradições, histórias e valores são revistos e modificados ou reafirmados e fortalecidos.

Nos dias atuais, as distâncias encurtadas e o fato de que o planeta está conectado e interligado pela Internet tornam complexas e dinâmicas as composições culturais e suas formas de expressão, pois facilitam e estimulam toda forma de relacionamento, deslocando e permeando as fronteiras geográficas. A migração cada vez mais intensa dos sujeitos, seja motivada pelas rápidas e sucessivas transformações culturais, políticas e econômicas, como vem acontecendo desde o término da Segunda Guerra Mundial, ou por motivos ideológicos, também contribui para a descentralização e flexibilização do caráter fixo e unilateral das identidades nacionais.

O indivíduo pós-moderno se identifica, mesmo que de forma efêmera, com mais de um grupo social e se insere neste ou naquele nicho, tornando suas respostas e atitudes cada vez menos previsíveis.

Segundo Canclini (2005), a cultura reúne os processos sociais de significação, contemplando a produção, circulação e consumo da significação na história social. Desta forma, adquire caráter dinâmico, mutante e demanda estudos das relações interculturais, e as transformações delas decorrentes.

Arias (2002) conceitua cultura como sendo uma construção especificamente humana expressa através de universos simbólicos que tem significados compartilhados socialmente, a

¹⁰ Disponível em: <<http://www.portalentretextos.com.br/noticias/fotojornalismo,1711.html>>. Acessado em 22 de setembro de 2013.

ponto de uma sociedade chegar a ser tudo o que construiu enquanto povo. Segundo o autor, o que identifica um povo como pertencente a uma comunidade ou região é exatamente o referencial discursivo e o diferencial que emanam deste universo.

Para Arias, a cultura não se trata de uma herança biológica, mas de uma construção social, historicamente contextualizada, sendo, portanto, um produto histórico concreto, uma construção que se insere na história, especificamente nas histórias das relações e inter-relações que os diversos grupos sociais estabelecem entre si.

Segundo Hall ([1992], 2005), o multiculturalismo e o transculturalismo têm resultado na construção de identidades híbridas, múltiplas e multifacetadas que se constroem, desconstroem e reconstroem a partir do contato cada vez mais intenso entre culturas com seus imaginários diversos e constantemente reconfigurados. A reflexão contemporânea sobre cultura não mais acentua o seu caráter fixo, que privilegiava a essência, a história, as tradições e os valores ancestrais, mas sim destaca a sua constante reconstrução frente aos relacionamentos viabilizados pelo processo contínuo e dinâmico que a globalização promove. O papel das estruturas sociais conhecidas (família, Estado, religião, escola etc.) ainda tem influência na construção identitária, embora não sejam mais os únicos elementos determinantes. O autor explica que a cultura é uma produção e que estamos sempre em processo de formação cultural:

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 44).

Isso nos dá a dimensão da dificuldade de se chegar a uma definição precisa de identidade nacional. Como pensar a identidade de um grupo composto de indivíduos que estão sujeitos a uma frequente transformação e fragmentam-se em função da maxiexposição a várias influências culturais?

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais

parece possível fazer uma escolha (HALL, [1992], 2005, p. 75, grifo do autor).

Essa escolha a qual Hall se refere é a decisão pelo que mais representa o indivíduo. Entre duas ou mais opções, ele vai escolher a que mais o representa. Escolhe também pela exclusão do que não o representa. A originalidade está na interpretação daquilo que já existe, em função da bagagem que cada indivíduo traz consigo, ou seja, sua cultura, suas vivências, suas visões de mundo vão interferir nessa seleção.

Na perspectiva de Lévi-Strauss (1993), a originalidade na formação de uma cultura nacional própria derivaria do contexto e da necessidade ou desejo da diferença. O antropólogo defende a diversidade cultural, pois é no contato com o que é diferente que se é impulsionado a repensar a sua própria cultura, renovando-a. O indivíduo não deve fechar-se, cristalizar-se, engessado num modelo pronto e “acabado”, mas também não deve se perder na cultura do outro, assimilando-a a tal ponto que os elementos específicos da sua sumiriam. Seria o que esse autor chama de buscar um “optimum de diversidade”.

Outra análise importante a ser levada em conta é a feita por Silviano Santiago, que traz a discussão do entre-lugar, pensando a partir da América Latina e, especialmente, do Brasil, em “Uma Literatura nos Trópicos” (2000). Santiago acredita que é na literatura latino-americana que aparece mais claramente o discurso característico do entre-lugar. Na literatura e nas artes é facilmente detectável a negação dos estereótipos fáceis para consumo da indústria turística – samba, carnaval, praia, alegria permanente – o que possibilita tratar com mais complexidade as questões nacionais, conquistando a originalidade desejada quando, parafraseando Souza (2007, p.8), se “aceita a prisão como forma de comportamento e a transgressão como forma de expressão”.

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana (SANTIAGO, 2000, p. 26).

Dessa forma, o autor evidencia que, embora o escritor/criador latino-americano tenha se rendido, em vários momentos, às formas prisionais impostas pela desejada hegemonia metropolitana, ele também a transgrediu, e lutou para que sua obra não fosse mera cópia, mas evidenciasse, pelo uso de paródias, sátiras e outros artifícios, o seu diferencial criador e transgressor. Como afirma Nercolini:

Instaura-se um “entre-lugar” para os discursos periféricos, como o latino-americano. Nem a simples negação da influência estrangeira, nem a sua aceitação cega, mas a “apropriação que instaura o espaço da mediação

cultural onde a hegemonia vai ser desafiada” (Guelfi, 1996). Com isso se rejeita as noções de centro cultural “puro” e também de cultura como essência ou fenômeno acabado, preferindo a noção de cultura como processo, em constante estado de construção e transformação (NERCOLINI, 2005, p. 125).

No Brasil, a enorme diversidade e o hibridismo que nos caracterizam nos posicionam num entre-lugar, somos formados a partir de um intenso contato com uma diversidade de culturas, das quais selecionamos e mesclamos certos elementos, a partir do contexto específico onde vivemos. Gabriel, o Pensador, objeto de estudo dessa monografia, canta essa diversidade, retratando os grupos e tribos originados a partir dessas mesclas. Através da análise de sua trajetória e de sua produção é possível percebermos várias das temáticas acima trabalhadas.

As letras das músicas de Gabriel refletem a opinião de alguém que se preocupa com o Brasil, alguém que ouve e enxerga as diferentes classes da sociedade brasileira. Nota-se na obra desse artista o esforço para entender e respeitar nossas origens e a inteligência que levanta questionamentos, provoca reflexão e cobra atitude.

O termo entre-lugar também se aplica pertinentemente à obra de Gabriel à medida que trata dos limites e fronteiras por onde anda sua música. Frequentando centro e periferia, o artista conta histórias e provoca reflexão sobre questões culturais, sociais e políticas e critica a submissão cega a influências e à cópia de padrões impostos. O Pensador produz sua música abrasileirando um ritmo consagrado no exterior e mesclando-o, eventualmente, com ritmos brasileiros, como o pagode, o axé e o xaxado, além de trazer para o cenário carioca o que já vinha sendo feito em São Paulo.

O conceito de entre-lugar aproxima-se do conceito de hibridação. O sujeito que se posiciona entre duas culturas que se contrapõem vai absorver características de ambas, mas criticando, selecionando e adaptando o que mais se ajusta à sua própria cultura. Desta forma, os modelos apresentados são revistos, analisados, criticados, atualizados, adaptados e assim, apropriados ou rejeitados.

Algumas vezes, o indivíduo acolhe uma nova cultura sem necessariamente ter que abrir mão da sua. Isto se observa quando as pessoas transitam entre culturas distintas. Salman Rushdie (*apud* Hall, 2005) declara a este respeito que essas pessoas estão traduzidas, isto é, pertencem a dois mundos simultaneamente, ajustam-se a um e a outro como, por exemplo, os imigrantes que mantêm sua identidade original, mas incorporam uma segunda, necessária para a adaptação à nova realidade.

No caso da cultura hip hop, assistimos a dois tipos de tradução: a horizontal e a vertical. A primeira consistiu na adaptação do movimento americano ao formato brasileiro e a segunda foi referente à abrangência, quando o estilo, antes restrito aos negros das periferias, alcança outras etnias e classes sociais. O rap “Periferia é periferia (em qualquer lugar)”, do grupo Racionais MC’s, demonstra o que motivou e propiciou essa dinâmica, que levou um movimento artístico-cultural americano a se propagar em vários países, quando diz que “periferia é periferia em qualquer lugar”, citando problemas cotidianos enfrentados igualmente por comunidades distintas.

[...] Periferia é periferia.
"Em qualquer lugar. Gente pobre"
Periferia é periferia.
"Vários botecos abertos. Várias escolas vazias."
Periferia é periferia.
"E a maioria por aqui se parece comigo"
Periferia é periferia.
"Mães chorando. Irmãos se matando. Até quando?"
Periferia é periferia.
"Em qualquer lugar. É gente pobre. [...]"¹¹

As identidades formadas a partir dessas traduções e desses variados relacionamentos, quer tenham sido oportunizadas pela migração ou pela hibridação de culturas estrangeiras ou, ainda, de interação entre classes diferentes, são exemplos de novas configurações e possibilidades que têm transformado as identidades tradicionais, atribuindo-lhes novos contornos personalizados.

Gabriel, o Pensador, foco deste trabalho, é um indivíduo que, em sua trajetória, frequentou e frequenta dois mundos diferentes: morro e asfalto, traduzindo para ambos, numa via de mão dupla, anseios, dúvidas, reivindicações. Sua obra trata de questões político-sociais e de cidadania.

Gabriel Contino¹², filho da jornalista Belisa Ribeiro e do médico Miguel Contino e mais conhecido pelo seu nome artístico, Gabriel, o Pensador, é um típico brasileiro, fruto de uma grande miscigenação: entre seus antepassados estão italianos, portugueses e espanhóis. Nasceu em Vila Isabel, mas passou a primeira parte de sua infância na Tijuca, bairro de classe média da Zona Norte do Rio de Janeiro. Seus pais se separaram quando ele tinha apenas seis

¹¹ Racionais MC’s. Periferia é periferia (em qualquer lugar) (8ª faixa do álbum “Sobrevivendo no Inferno”), 1997. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/racionais-mcs/72468/>>. Acessado em: 26 de novembro de 2013.

¹² Todas as informações sobre a vida de Gabriel que aparecerem nesta monografia foram retiradas da página: <<http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/biografia/>>, que, por sua vez, utilizou como fonte o site oficial do artista. Acessado por último em 10 de dezembro de 2013.

meses, e Gabriel se mudou algumas vezes com sua mãe, seu meio-irmão e novos padrastos para bairros da Zona Sul, como Humaitá e Lagoa.

Por volta de seus dez ou onze anos, começou sua fase de rebeldia, na qual ganhou o apelido de Pixote, na escola, pois costumava pichar muros como forma de protesto. Nesta etapa de sua vida, travou contato com o hip hop, imitando Michael Jackson no clipe Thriller, onde descobriu o break, e assistindo ao filme Beat Street¹³, que lhe apresentou o ritmo, a dança e o grafite. Foi nessa época que o break virou febre entre os meninos de seu prédio e de alguns prédios vizinhos, que arriscavam alguns passos como o giro de cabeça ou com as costas no chão. Mas, não levando muito jeito para a dança, Gabriel tomou gosto pelas palavras, mostrando-se sempre mais atento às letras das músicas (em geral, e não só no caso do rap) do que ao resto, tentando traduzir algumas que vinham de fora do país.

Outros ritmos, como o samba e a música popular brasileira já haviam abraçado causas de moradores de periferia. A exemplo disso, algumas letras de Chico Buarque de Hollanda, como “Pivete”, “O meu Guri”, “Quem Te Viu, Quem Te Vê”, entre muitas outras, tratam de cenas vividas nas comunidades ou por seus personagens, mas o olhar poético do compositor relata o que imagina e o que vê de fora, com carga emotiva diferente daquele que vive aquela realidade:

[...] Chega suado
E veloz do batente
Traz sempre um presente
Prá me encabular
É tanta corrente de ouro
Seu moço!
Que haja pescoço
Prá enfiar
Me trouxe uma bolsa
Já com tudo dentro
Chave, caderneta
Terço e patuá
Um lenço e uma penca
De documentos
Prá finalmente
Eu me identificar
Olha aí! Olha aí!

Ai o meu guri, olha aí!
Olha aí!
É o meu guri e ele chega!

Chega no morro
Com carregamento
Pulseira, cimento

¹³ Filme de 1984, dirigido por Stan Lathan.

Relógio, pneu, gravador
Rezo até ele chegar
Cá no alto
Essa onda de assaltos
Tá um horror [...] ¹⁴

Já o hip hop e, mais especificamente, o rap, possibilita que os próprios jovens de periferia conheçam sua realidade, se envolvam com ela e a narrem a outros a partir de seu ângulo de visão. O movimento estimula estes jovens a criarem suas próprias representações com a autoridade que a vivência lhes confere, para que assim possam se incluir como cidadãos pertencentes a um universo maior.

O diferencial da arte de Gabriel é exatamente esse: a empatia. Por se deslocar com naturalidade entre favela e bairros de classe média, se mistura, participa e ganha autonomia para falar dos moradores de comunidade com o olhar de dentro, de quem conhece e convive com aquela realidade.

Em São Conrado, já na pré-adolescência, Gabriel passou a frequentar o Cantão, ponta esquerda da praia, que é utilizada principalmente por moradores da favela da Rocinha. Lá, o rapper conheceu e fez amizade com muitos jovens dessa comunidade, facilitando seu ingresso no cotidiano do morro. Surfava e andava de skate com esse grupo de amigos, ficando conhecido por eles como “Pequeno”.

Conhecer a realidade vivida por seus colegas da Rocinha em oposição ao estilo de vida de seus companheiros de escola, fez com que o Pensador buscasse desde cedo unir esses dois mundos, combatendo os preconceitos de ambos os lados. Essa mediação permeará toda a sua carreira.

[...] E se os ricos pensam que o convívio dos seus filhos
Com os pobres atrapalha a educação
O Pequeno aprendeu o que nenhuma escola pode ensinar
Convivendo com a galera do Cantão
Ele viu que a riqueza na verdade é viver com humildade
E vencer o preconceito
E ganhou o que nenhum dinheiro pode comprar:
A amizade que até hoje guarda dentro do peito [...] ¹⁵

Mediação é um fenômeno sociocultural que se baseia nas diferenças, na possibilidade de colocar em contato mundos diferentes. De fato, a vida social se viabiliza pelas diferenças, porque são elas que suscitam a comunicação, as trocas, os embates e as

¹⁴ Chico Buarque. O Meu Guri (3ª faixa do álbum “Almanaque”), 1981. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-buarque/66513/>>. Acessado em: 08 de dezembro de 2013.

¹⁵ Gabriel o Pensador. Cantão (1ª faixa do álbum “Nádegas a declarar”), 2002. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/96119/>>. Acessado em: 21 de novembro de 2013.

negociações entre os mais variados estratos sociais e culturais. Essas diferenças constantemente provocarão conflitos variados, e nem sempre as interações serão possíveis de serem mediadas.

O campo de atuação do mediador é exatamente a crise ou o conflito, e ele vai atuar, nem sempre de forma consciente, arrazoando, mostrando e negociando uma saída possível que, se não resolva, ao menos atenua a situação. O papel do mediador não é buscar a homogeneidade, mas sim, uma maneira de conviver em meio às diferenças.

Atualmente, com os fluxos intensificados de pessoas, ideias e culturas, as diferenças são acentuadas e multiplicadas, e a convivência de todos esses mundos, classes, estilos de vida, experiências e individualidades tornam o processo de mediação cada vez mais necessário.

Para Gilberto Velho, mediador cultural é um “papel desempenhado por indivíduos que são intérpretes e transitam entre diferentes segmentos e domínios sociais” (VELHO, *apud* VIANNA, 2001, p. 59), ou seja, a figura do mediador se situa justamente nos entre-lugares.

Ao se apropriar do rap, que ficou conhecido por ser “a voz da periferia”, e levá-lo às classes mais altas, aos que não o conheciam, Gabriel, o Pensador, torna-se essa figura de intermediação entre comunidade e classe média, entre morro e asfalto.

Em “Biografia, trajetória e mediação”, Velho (2001) afirma haver a mediação tradicional, que “mantém o *status quo*, num processo mesmo de controle de informações e preservação de valores”, e também outra dimensão mais dinâmica da mediação, existente nas “metrópoles moderno-contemporâneas”.

Na mediação tradicional, existe a intenção clara de manter as diferenças. O trânsito entre grupos se negocia quando há interesse de ambas as partes, como, por exemplo, na prestação de serviços, na qual o contato entre classes diferentes se dá unicamente para este fim.

Diferentemente da mediação conservadora, que mantém as fronteiras, Gabriel se enquadra na segunda opção, rompendo esses limites e abrindo caminho para que os moradores da favela cheguem até as classes mais altas e vice-versa, fazendo com que eles possam se comunicar e conhecer a realidade do outro.

Em entrevista publicada no jornal O Estado de São Paulo, e disponível na página virtual do periódico¹⁶, Zuenir Ventura aponta que, no Rio de Janeiro, a cultura sempre foi

¹⁶ Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,a-ponte-que-resta-entre-morro-e-asfalto,212718,0.htm>>. Acessado em 25 de novembro de 2013.

responsável por essa mediação entre morro e asfalto, como nos casos do samba, do funk e do hip hop:

[...] Do ponto de vista cultural, sobretudo musical, não tem apartheid. O samba já tinha feito isso. Agora é o funk. A influência da moda hip hop, do sujeito com o boné virado, o cofrinho da menina aparecendo na calça - isso fez a periferia entrar no centro. No meio universitário sua música está entre as preferidas. A cultura, no Rio, sempre fez a ponte entre morro e asfalto (VENTURA, 2008).

Gabriel já levou algumas crianças que aprenderam o break na sua ONG, na Rocinha, para dançarem no palco em seus shows, além de ter o costume de promover batalhas de rap não só nos shows, mas também em programas de televisão, divulgando a arte dessa nova geração.

A ONG "Pensando Junto" foi criada pelo rapper como um projeto social, educativo e cultural, e é fruto de sua indignação perante a evasão escolar de alguns jovens moradores da favela da Rocinha, que faziam malabarismos num sinal de trânsito perto de sua casa. Em depoimento publicado no portal oficial da comunidade da Rocinha na Internet, o Pensador reflete:

O que você quer ser quando crescer? Para muitos dos pequenos grandes malabaristas de rua do Rio, esta pergunta infelizmente pode soar como piada de mau gosto. Sempre que batia um papo com eles nos sinais, eu preferia perguntar apenas se estavam estudando, e insistia em ouvir a verdade: alguns estavam abandonando a escola, outros nunca tinham visto uma sala de aula. "Como convencê-los da importância do estudo e da possibilidade de "ser alguém" na vida sem se deixar seduzir pelos atalhos do crime? Dizer que eles eram capazes não adiantava, era preciso dar um jeito de lhes fazer descobrir isso (e mais um monte de coisas) na prática."¹⁷

O projeto não só busca proporcionar, a seus participantes, acesso à cultura e educação, como fornece auxílio alimentação, acompanhamento odontológico e promove aulas de português, matemática, cidadania, rap, break, curso de DJ e de grafite. Muitas atividades acontecem também fora do espaço da Rocinha, no Cantão, tais como aulas de surf, bodyboard, futebol e futevôlei.

Hoje, Gabriel, o Pensador, é rapper, compositor, escritor e empresário brasileiro, mas foi na sua adolescência que tudo começou. Gabriel chegou a começar o curso de Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde foi incentivado por colegas a enviar para as rádios um rap que tinha composto. Ele alcançou o topo da parada de sucessos na rádio carioca RPC, com sua primeira música, em 1992, "Tô feliz (Matei o Presidente)", mas ela logo sofreu censura oficiosa do Ministério da Justiça, cujo

¹⁷ Disponível em: <<http://www.rocinha.org/ongs/view.asp?id=1444>>. Acessado em 08 de dezembro de 2013.

Ministro na época, Célio Borges, chegou a assumir para o Jornal do Brasil que ligavam para as rádios e faziam pressão para que não a tocassem (PENSADOR, *apud* DJ TR, 2006). Ainda assim, Gabriel assinou contrato, no ano seguinte, com a Sony Music, lançando seu primeiro disco em 1993.

A partir daí, gravou, além de um CD/DVD ao vivo (MTV ao Vivo, em 2003) e alguns singles, mais sete álbuns: “Ainda é só o Começo” (1995), “Quebra Cabeça” (1997), “Nádegas a Declarar” (1999), “Seja você mesmo (Mas não seja sempre o mesmo)” (2001), “Cavaleiro Andante” (2005), “Gabriel, o Pensador para Crianças” (2007) e, mais recentemente, “Sem Crise”, lançado no ano passado (2012)¹⁸. Quase todos os discos contam, inclusive, com a participação de artistas consagrados, como Jorge Ben Jor, Adriana Calcanhoto, Lulu Santos, Fernanda Abreu e Frejat, só para citar alguns.

No âmbito do hip hop, Gabriel foi criticado por ser branco e por não ter origem pobre. Muitos julgavam que seria impossível um “outsider” falar das mesmas coisas que o morador de comunidade. Os rappers paulistas foram contundentes nas suas críticas, por fazerem parte de uma corrente mais tradicional e purista.

No começo da minha carreira, tentei criar um movimento hip-hop no Rio de Janeiro. Mas vi que isso não dava certo, porque a mentalidade de grande parte dos rappers não era igual à minha. Então tentei assumir isso publicamente, cada vez com mais clareza: que o meu trabalho não é para o público de rap, mas para o público em geral. [...] Normalmente, a intenção dos caras que começam a fazer rap no Brasil é transformar o mundo através das palavras, conscientizar, denunciar... O que já não é o caso dos americanos, que hoje só fazem marketing puro. Mas a visão dos rappers brasileiros é muito diferente da minha. A sua visão da televisão, da mídia, das coisas que uso para expandir o meu trabalho - e que eles não usam porque preferem ficar no underground - são bem diversas (PENSADOR, 2001)¹⁹.

Na comunidade hip hop carioca, as misturas foram melhor acolhidas, e Gabriel, o Pensador, Planet Hemp, MV Bill, entre outros, a despeito de suas diferenças, seja de origem, etnia, ou de manterem relacionamento com a mídia, acabaram conseguindo espaço e o respeito de grande parte dos membros da cultura hip hop local.

No próximo capítulo, a ênfase será colocada na produção cultural de Gabriel, o Pensador, que será aprofundada e contextualizada, com a análise de parte de sua obra, incluindo tanto a discografia, os videoclipes e os livros, quanto a construção do sujeito que transita com naturalidade entre mundos, regiões, tribos e classes diferentes.

¹⁸ Ver Anexo B (pp. 52-53), com as capas dos CDs de Gabriel, o Pensador.

¹⁹ Entrevista de Gabriel, o Pensador, ao suplemento Y do jornal português “Público”, 2001. Disponível em: <http://www.gpensador.com/entrevista_publico_2001.htm>. Acessado em 17 de novembro de 2013.

CAPÍTULO 3

GABRIEL: FRAGMENTOS, POSICIONAMENTO E ATITUDE

3.1. Gabriel por Gabriel.

[...] Sei que nada acontece por acaso na vida
E foi por isso que eu conheci essa cultura tão pouco difundida H.I.P. H.O.P.
Parecia magia e eu percebia que mergulhava num poço vivo de sabedoria
Mergulhei fundo entrei de cabeça entrei com a vida
E agora a cabeça está constantemente ativa e sempre erguida
Graças àquele momento do meu descobrimento
Dessa linguagem
Dessa arte
Dessa cultura
Desse movimento
Do qual estou dentro e que está dentro de mim
Confesso que estou envolvido até os ossos
Não posso sair
Sou viciado apaixonado dependente
Num vício diferente, completamente consciente
Que alimenta minha mente e me leva em frente a cada dia [...] ²⁰

No rap “Como um Vício”, Gabriel, o Pensador, declara seu amor pela cultura hip hop, do qual fez mais que uma ideologia, mas uma filosofia de vida. Gabriel desde cedo se sabe um apaixonado pelo discurso. É a palavra que confere o poder do convencimento, é ela que arregimenta as pessoas, que faz pensar, que incomoda, que cobra atitudes.

Esse encantamento vem, segundo o compositor, da época de escola, quando nas aulas de redação ele descobriu que sabia contar histórias, e mais: que era prazeroso dividir com os outros o que lhe ia pela imaginação.

Quando apresentado ao hip hop, apesar de suas incursões no grafite, no skate e das tentativas malsucedidas no break, foi no rap que encontrou seu caminho, foi na possibilidade de contar, rimando, tudo o que lhe importava que o Pensador descobriu sua aptidão, sua missão, seu compromisso.

[...] Tudo começou na aula de português
Eu tinha uns cinco anos, ou talvez uns seis
Comecei a escrever, aprendi a ortografia
Depois as redações, para a nossa alegria
Professora dava tema livre, eu demorava
Pra escolher um tema, mas depois eu viajava
E nessas viagens os personagens surgiam
Pensavam, sentiam, choravam, sorriam [...]
[...] Eu gosto de escrever, eu gosto de escrever, crer, ver

²⁰ Gabriel, o Pensador e DJ Leandro. Como um Vício (12ª faixa do álbum “Ainda é só o Começo”), 1995. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/96131/>>. Acessado em 15 de dezembro de 2013.

Ver, crer, eu gosto de escrever e escrevo até poema [...]
[...] Tentei me controlar, me ocupar com um esporte
Surf, futebol, mas não era o meu forte
Um dia eu fiz uns raps e achei que tava bom
Me batizei de Pensador e quis fazer um som
Ficar famoso e rico nunca foi minha meta
Minha mãe já era isso, eu só queria ser poeta [...]²¹

Em 2001, O Pensador lançou seu primeiro livro, “Diário Noturno”, que, como qualquer diário, foi construído a partir de fragmentos de vida do autor, memórias selecionadas a partir de redações do tempo de escola, poesias, textos e fotografias. Neste mesmo ano, foi publicada uma crítica sobre o livro, escrita por Affonso Romano de Sant’Anna, na coluna Prosa e Verso, do jornal O Globo:

[...] O livro com fotos, páginas de diário, reprodução de provas escolares, poemas e crônicas, insere-se num gênero novo que vem sendo praticado nas últimas décadas a que chamaria de agenda biolírica. Adolescentes praticam isto usando pilôs coloridos, exercitando, sem o saber, a "estética do fragmento": o mundo refletido em cacos de espelho narcísico. Numa sociedade pragmática que agenda tudo, crianças e adolescentes agendam fantasias e libidos cromaticamente. No caso de Gabriel, ele vai muito além. Embora o livro seja de quando o "autor era um moleque meio maluco que nem imaginava que um dia um maluco meio moleque iria meter a mão nas suas intimidades e mostrar prá todo mundo", Gabriel está produzindo uma agenda crítica de seu tempo (SANT’ANNA, 2001).²²

Também em seus raps, não é raro o fato de Gabriel falar em coisas pessoais e se tomar como exemplo. Nas suas letras, encontram-se histórias da infância vivida em vários bairros cariocas, origem de apelidos, e a relação com os avós, pais, irmão e filhos.

Suas experiências, como críticas recebidas ou o final do casamento, figuram de forma natural em suas letras, o que acaba por induzir seus fãs à identificação. Suas ideias quase sempre geram polêmicas que alimentam sua linha criativa. E é assim que vai selecionando fatos de sua trajetória e construindo a personagem que vai representá-lo, com fragmentos de sua própria vida e outras vivências testemunhadas.

Como já foi dito antes, Gabriel é um artista engajado nas causas sociais e políticas, e suas músicas falam dessas questões, geralmente de uma forma bem humorada, porque o rapper entende que essa é a forma mais eficaz de atingir o povo brasileiro. Suas críticas têm como alvos constantes inimigos públicos, tais como o descaso dos políticos com a população, a atitude preconceituosa deste ou daquele grupo, a alienação de certas tribos.

²¹ Gabriel, o Pensador. Linhas Tortas (1ª faixa do álbum “Sem Crise”), 2012. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/linhas-tortas/>>. Acessado em 15 de dezembro de 2013.

²² Disponível em:

<<http://web.archive.org/web/20100629153018/http://www.gabrielopensador.com.br/dicas/textos.htm>>. Acessado em: 20 de dezembro de 2013.

Desde o início de sua carreira, Gabriel pensa em estratégias para atingir cada vez mais pessoas, tanto para divulgar a cultura hip hop e suas causas, quanto para que sua mensagem alcance diferentes grupos e faça com que as pessoas conheçam e reflitam questões que não deveriam ser ignoradas.

Em 1994, numa “Entrevista-Paredão”, da revista Bizz²³, Gabriel chegou mesmo a afirmar que não via necessidade de uma postura underground para passar mensagens de contestação. Seu objetivo principal era fazer com que mais pessoas ouvissem suas críticas, até mesmo aquelas que fossem alvos dessas críticas, porque, de certa forma, elas estariam parando para pensar naquilo. Em 2003, em um chat promovido no site da MTV, o rapper confirma essa intenção: “[...] Acho que a grande diferença foi o fato de eu abrir o mercado de rap no Brasil, propositadamente, pois não queria ficar restrito ao público que já curti hip hop” (PENSADOR, 2003)²⁴.

Suas estratégias vão desde a presença constante na mídia – Gabriel não tem nenhum pudor de aparecer nos mais variados programas de TV e rádio, não se furta a entrevistas e seus shows costumam ir “aonde o povo está” – até a postura e a forma como se veste. No início de sua carreira, conforme se observa em seus clipes – “Retrato de um Playboy (Juventude Perdida)” (1993), “Lôrabúrra” (1993) e “175 Nada Especial” (1993) – as roupas exageravam as características do estilo hip hop: camisetas compridas, calças muito largas e chapéus, bonés e capuzes. Atualmente, apesar de trajes ainda simples e confortáveis e do par de tênis repetido à exaustão, ele já se permite um estilo menos radical e emblemático, mas tudo sem nenhum traço de glamour, ao contrário dos rappers americanos que divulgam grandes marcas e abusam de joias e de qualquer outro tipo de ostentação.

Outra estratégia da qual Gabriel faz uso é o sampling, técnica bastante utilizada no rap. O Pensador usa trechos de outras canções, agrega outros ritmos, e convida artistas do hip hop e de muitos outros estilos, tanto para dividir o palco, quanto para as gravações de seus CDs e videoclipes.

3.2. O Pensador – Aqui, lá e em todo lugar.

Como já foi dito, o compositor tem músicas sampleadas com estilos brasileiros, e também estrangeiros, incluindo ritmos, instrumentos e batidas que soam familiares e palatáveis a um público cada vez mais diversificado e heterogêneo. No rap “Dança do

²³ Disponível em: <http://www.gpensador.com/entrevista_showbizz_1994.htm>. Acessado por último em 15 de dezembro de 2013.

²⁴ Disponível em: <http://www.gpensador.com/entrevista_chat_mtv_2003.htm>. Acessado por último em 15 de dezembro de 2013.

Desempregado”, por exemplo, o refrão tem o ritmo e a coreografia do axé, mas também é utilizado o cavaquinho, instrumento típico do samba. Já “Festa da Música” dialoga claramente com “Festa de Arromba”, de Erasmo Carlos, além de citar alguns trechos de músicas do próprio Gabriel e dos artistas mencionados, tendo sido utilizados vários instrumentos, tais como: percussão e sampler, violão, baixo, teclados, bateria, pandeiro, ganzá, surdo, tamborim e cavaquinho²⁵.

[...] Há muito tempo tá rolando essa festa maneira
Da música popular brasileira
Ninguém me convidou mas eu queria entrar
Peguei o 175 e vim direto pra cá
Pra festa da Música Tupiniquim
Que tá rolando aqui na rua Antônio Carlos Jobim [...]
[...] (Isso aqui tá muito bom, isso aqui tá bom demais...)
"Segura o tchan, amarra o tchan" (Xô, Satanás!)
Há há! Lulu Santos acabou de chegar com a pimenta
malagueta pro planeta balançar
O Chico César, Science, e o Buarque observam um pessoal dançando
break no chão
E no andar lá de cima um dos donos da festa
Tá na boa, tá em paz, tá tocando um violão:
"Festa estranha com gente esquisita, eu não tô legal,
Não aguento mais birita" [...]²⁶

No trabalho do artista fica claro o posicionamento no entre-lugar quando está compondo, ele mesmo cita em uma de suas músicas, “... E Você?”, a forma como costuma estar atento ao que se passa no exterior, sem esquecer-se do que está acontecendo aqui, usando o estrangeiro apenas para enriquecer e atualizar o brasileiro. Isso é ressaltado nos seguintes trechos: “Eu vou jogar fora no lixo o que é ruim e usar o que é bom da cultura mundial”, “O brasileiro precisa fazer uma lavagem cerebral, aproveitando o que vem lá de fora, mas sem esquecer o nosso valor nacional, cultural, natural e da nossa história” e “[...] não me esqueço [*sic*] que sou brasileiro, então eu fabrico Hip Hop do meu jeito, do nosso jeito, desse jeito que você nunca conheceu, com brasileiros tocando instrumentos ou mais *Be Sample* que a Fernanda Abreu (Rio 40°!)”.

Em entrevista para o Caderno Dois²⁷, Gabriel declara que uma das coisas que o incentivou a criar um estilo próprio foi a mistura, e afirma que ele sempre ouviu de tudo: o reggae de Bob Marley, o rock brasileiro como, por exemplo, os Titãs, artistas americanos como Isaac Hayes, George Clinton, James Brown, entre outros, e brasileiros como Moreira da

²⁵ Ficha técnica da música constante da contra-capá do CD “Quebra Cabeça”, 1997.

²⁶ Gabriel, o Pensador. Festa da Música (11ª faixa do álbum “Quebra Cabeça”), 1997. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/30445/>>. Acessado em 18 de dezembro de 2013.

²⁷ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=aJRrc8Rxp68#t=176>. Acessado por último em 20 de dezembro de 2013.

Silva, Bezerra da Silva, Martinho da Vila etc.

3.3. Crítica Social – Detonando estereótipos e preconceitos.

Em “Nádegas a Declarar”, o Pensador destaca que o problema está na supervalorização de um atributo a ponto de levar as pessoas a acreditarem que aquilo vai determinar sua aceitação na sociedade. O que se faz para ter um corpo que se aproxime dos modelos impostos, violenta, deteriora e deforma. Atualmente, as mulheres além de recorrerem aos anabolizantes, colocando em risco a saúde e a vida, apelam para cirurgias de implantes de silicone, que tem alguns resultados desastrosos.

Esse é apenas um aspecto, mas outro, ainda mais preocupante, é que a superficialidade do culto ao corpo se dá em detrimento de atributos mais importantes a serem desenvolvidos. Em “Lôrabúrra”, do primeiro álbum, Gabriel já criticava o culto às aparências, sempre deixando claro que o que importa está dentro da cabeça e não fora. Aqui, o artista toma o termo para representar a alienação e a futilidade, independente da cor dos cabelos. Segundo ele mesmo, “o problema não está no cabelo, mas na cabeça”, existem “lôrabúrras” morenas, castanhas, ruivas e carecas, como reforça numa conversa com os fãs, no site da MTV, em 2003:

>Gabriel_Pensador in Bate-Papo_MTV says: não foi a minha intenção, mas sei que a galera caiu em cima da loiras, mesmo das q [sic] não tinham nada a ver com a crítica feita na letra...

>Gabriel_Pensador in Bate-Papo_MTV says: ... mas ali eu estava falando de um tipo de garota que, entre outras coisas, pintava o cabelo de uma forma tão idêntica que o refrão caiu como uma luva pro que eu queria criticar...

>Gabriel_Pensador in Bate-Papo_MTV says: que era a falta de personalidade, a obediência cega à moda, a vida voltada só pras aparências²⁸

Em “Retrato de um Playboy (Juventude Perdida)”, também do primeiro CD, a preocupação é com a falta de educação e de objetivos dos jovens das classes média e alta, que, com o respaldo dos pais e a certeza da impunidade, fazem da vida uma sequência de atos de violência e desrespeito. As manchetes de jornais da época traziam notícias que corroboravam a mensagem da música. Em 2003, Gabriel lança a continuação, o single “Retrato de um Playboy, Parte II”, que demonstra a perplexidade com uma situação que não só não melhorou, mas aumentou em número e gênero os casos de violência.

[...] Se alguma coisa tá na moda, então eu faço também
Igualzinho a mim, eu conheço mais de cem
Se eu faço tudo o que eles fazem, então tudo bem

²⁸ Disponível em: <http://www.gpensador.com/entrevista_chat_mtv_2003.htm>. Acessado por último em 15 de dezembro de 2013.

Não quero estudo nem trabalho, não vem que não tem porque eu sou, o que?
Um play, um playboyzinho, disso eu não me envergonho,
Não sei o que é a vida, não penso não sonho
Praia, surf e chope, essa é minha realidade,
Não saio disso porque me falta personalidade
Não tenho cérebro, apenas me enquadro no sistema,
Ser tapado é minha sina, ser playboy é meu problema [...]²⁹

[...] É até engraçado, to na delegacia encarando o delegado
Eu não decido nada to esperando advogado,
Papai já ta chegando pra deixar tudo acertado
Dei até entrevista, vou sair na TV,
Que maneiro, eu adoro aparecer
E na hora da foto eu fiz cara de mal,
Amanhã minha galera vai me ver no jornal, aí
Sou playboy, filhinho de papai
Eu tenho um pitbull, e eu imito o que ele faz
Sou playboy, filhinho de papai
Eu era um debilóide, fiquei ainda mais [...]³⁰

Nos shows, Gabriel costuma relacionar letras como essas com notícias e fatos correlatos locais, e às vezes até improvisa um trecho para evidenciar a situação. O caso “Sirley”, de 2007, por exemplo, sobre uma empregada doméstica que foi espancada num ponto de ônibus por seis rapazes de classe média, que justificaram a violência com o fato de a terem confundido com uma prostituta, foi lembrado num show em Cordeiro, no Rio de Janeiro, no mesmo ano, quando Gabriel lamentou que sua música estivesse ainda tão atual e pertinente.

Em “Lavagem Cerebral”, o Pensador trata da questão do racismo, lembrando que no Brasil, especialmente, não pode haver racismo, já que a etnia do povo brasileiro tem origem diversificada por mesclas múltiplas. Nessa música, Gabriel sugere uma “lavagem cerebral” para combater os vários preconceitos passados de geração a geração, por pura ignorância.

[...] O racismo é burrice mas o mais burro não é o racista
É o que pensa que o racismo não existe
O pior cego é o que não quer ver
E o racismo está dentro de você
Porque o racista na verdade é um tremendo babaca
Que assimila os preconceitos porque tem cabeça fraca
E desde sempre não para pra pensar
Nos conceitos que a sociedade insiste em lhe ensinar
E de pai pra filho o racismo passa

²⁹ Gabriel, o Pensador. Retrato de um Playboy (Juventude Perdida) (7ª faixa do álbum “Gabriel, o Pensador”), 1993. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/65056/>>. Acessado em 18 de dezembro de 2013.

³⁰ Gabriel, o Pensador. Retrato de um Playboy, Parte II [Single lançado em 2003, e posteriormente gravado no CD e DVD “MTV ao Vivo (Gabriel o Pensador)”, no mesmo ano]. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/65101/>>. Acessado em: 18 de dezembro de 2013.

Em forma de piadas que teriam bem mais graça
Se não fossem o retrato da nossa ignorância [...] ³¹

Além dos raps, o segundo livro de Gabriel, escrito para o público infantil e intitulado “Um Garoto chamado Rorbeto”, tem sido muito utilizado para falar de bullying e, principalmente, da questão do respeito às diferenças, não só pelo fato de seu personagem principal possuir um nome diferente, escrito errado, mas porque ele tem um dedo a mais. Em 2008, o livro foi adaptado para o teatro. O Pensador tem ido a escolas de ensino fundamental para conversar com as crianças sobre esses temas e incentivar a leitura. Suas palestras são bastante informais e adequadas ao público infantil.

3.4. Gabriel – o Mediador.

Sua música “Cantão” narra a história de Gabriel com seus amigos da favela da Rocinha e, especificamente, sua festa de aniversário de 14 anos, realizada em sua casa, em São Conrado, para qual foram convidados tanto os meninos da comunidade quanto os da escola particular frequentada por Gabriel. É possível perceber, desde essa época, a simplicidade do rapper, e sua intenção de mesclar os dois mundos numa convivência possível apesar dos contrastes, e bem-vinda por causa dessas mesmas diferenças.

[...] Isso é festa de rico
Não é pro nosso bico
- Que isso, Chiquinho? Nada a ver!
Quando é festa lá no morro o Pequeno é o primeiro a aparecer
- É, se ele vive lá no funk e no pagode
Por que no aniversário dele a gente não pode?
- É isso aí, Almir-Rato,
O Pequeno convidou, e se a gente não entrar vai ficar chato
- Vão nessa, galera, quem não deve não teme
O Tripa sempre vem aí jogar vídeo-game
Diz pra ele Negão!
- Eu até ranguí aí outro dia, meu irmão!
Não tem erro, não
- Demorô!
- Aí, ó o Pequeno aí fora
De bermuda e chinelo
- Chegá!
- Vambora!
Eu sou do Cantão!
E lá não tem parada
Todo mundo é irmão, todo mundo é camarada
Eu sou do Cantão!
E lá não tem caô

³¹ Gabriel, o Pensador. Lavagem Cerebral (5ª faixa do álbum “Gabriel, o Pensador”), 1993. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/66182/>>. Acessado em 18 de dezembro de 2013.

Todo mundo é peão, todo mundo é doutor
Eu sou do Cantão!
E lá não tem errada
Um aperto de mão vale mais que uma mesada
Eu sou do Cantão!
E lá não tem terror
Amizade não tem classe nem cor [...] ³²

Além de Gabriel retratar em suas músicas questões do cotidiano da periferia com o olhar de quem vive aquela realidade, ele traduz tudo isso, de forma que as pessoas de fora da comunidade tenham a oportunidade de se identificar de alguma maneira, ou de se sentirem mobilizadas. Em contrapartida, compõe sobre questões sociais mais abrangentes, que expõem problemas comuns a morro e asfalto. De fato, seu objetivo é mostrar que não existe diferença essencial, e que a vontade política e a conscientização são as armas possíveis para a solução dessas questões.

Ressalta-se que diferenças e semelhanças são pontos que conferem a todos, indistintamente, o caráter de cidadãos, corroborando o conceito cunhado por Canclini (1999), que afirma que cidadania não é apenas uma questão de ter os direitos reconhecidos, mas tem a ver com as práticas sociais e culturais que garantem ao indivíduo o sentido de pertencimento.

Embora de forma não tão explícita quanto em “Cantão”, outras músicas retratam esse desejo de unir morro e asfalto em torno dos mesmos objetivos. A maior parte das letras de Gabriel fala das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia pelo brasileiro comum. Problemas como violência, desemprego, fome, sistemas de ensino e saúde deficitários e o descaso das autoridades atingem ou afetam a todas as camadas sociais, são questões que não podem e não devem ser ignoradas por ninguém.

Em entrevista ao programa “Agora é tarde”, da rede Bandeirantes, Gabriel conta que aprendeu com o hip hop “a força das palavras, o poder de falar duro, falar sério”, mas que no Brasil, com o rock, o samba e o pagode, e com cantores como Raul Seixas e bandas como Ultraje a Rigor, tem-se o bom humor e a ironia, tem-se “a coisa de fazer a crítica, brincando também”³³. Essa é uma característica muito presente na forma de fazer rap do Pensador, diferente do que acontecia no rap paulista.

Na letra de “175 Nada Especial”, de seu primeiro CD, o compositor trata de uma viagem de ônibus no trecho Central do Brasil – São Conrado, onde vai descrevendo os personagens e acontecimentos banais nesta e em qualquer outra linha de ônibus. São descritos

³² Gabriel o Pensador. Cantão (1ª faixa do álbum “Nádegas a declarar”), 1999. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/96119/>>. Acessado em: 19 de dezembro de 2013.

³³ Programa exibido em 31 de outubro de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0BLPX5X9Qw>>. Acessado por último em 12 de dezembro de 2013.

tipos brasileiros como o vendedor de balas, o evangelizador, o mendigo, o deficiente com suas dificuldades de acesso, o professor e seu salário de fome, e até mesmo um assalto, um atropelamento e o alagamento das ruas pela chuva não escoada. Gabriel ressalta que essas situações não tem nada de especial, infelizmente, e que fazem parte do cotidiano do cidadão brasileiro.

[...] E o pior de tudo é que nessa grande viagem
Nada, nada disso do que aconteceu foi novidade
E as autoridades estão defecando
Pro que acontece ao cidadão brasileiro no seu cotidiano
Porque pra eles isso não é nada especial
No dos outros é refresco, num faz mal
E fecham os olhos pro que até cego já viu:
O revoltante retrato da vida urbana no Brasil!
E eu não me refiro ao 175 ou qualquer linha da central
Eu tô falando do dia a dia a qualquer hora em qualquer local
Porque esse rap não é sobre nada especial³⁴

No rap “Pão de cada dia” são retratadas realidades diametralmente opostas: a do empregado, cujo salário indigno não é suficiente para a sobrevivência, e a do empresário sufocado por impostos, dívidas e preocupado com a concorrência. Também são caracterizados o policial corrupto e um coveiro que saqueia as covas. Em comum, têm-se o poder que o dinheiro exerce nas vidas das pessoas, as escolhas que elas fazem em função dele e os riscos que correm.

Em “Até Quando” novamente são abordados problemas que tocam a pessoas de todas as classes. A mensagem é clara e atinge às pessoas do morro e do asfalto, do Oiapoque ao Chuí. Só que o tom dessa vez, mais do que de denúncia, é de cobrança de atitude. O compositor conclama as pessoas a perceberem os mecanismos de alienação como, por exemplo, a programação da TV, e a deixarem de lado a submissão e o medo de lutar pela sua dignidade. As injustiças devem ser combatidas e os direitos básicos do cidadão garantidos.

Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer
E muita greve, você pode, você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus
Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!
Até quando você vai ficar usando rédea?
Rindo da própria tragédia
Até quando você vai ficar usando rédea?

³⁴ Gabriel, o Pensador. 175 Nada Especial (8ª faixa do álbum “Gabriel, o Pensador”), 1993. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/137015/>>. Acessado em 19 de dezembro de 2013.

Pobre, rico ou classe média
 Até quando você vai levar cascudo mudo?
 Muda, muda essa postura
 Até quando você vai ficando mudo?
 Muda que o medo é um modo de fazer censura
 Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
 Até quando vai ficar sem fazer nada?
 Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
 Até quando vai ser saco de pancada?
 [...] A polícia só existe pra manter você na lei
 Lei do silêncio, lei do mais fraco
 Ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco
 A programação existe pra manter você na frente
 Na frente da TV, que é pra te entreter
 Que é pra você não ver que o programado é você!
 Acordo, não tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar
 O cara me pede o diploma, não tenho diploma, não pude estudar
 E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado, que eu saiba falar
 Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá
 [...] Escola! Esmola!
 Favela, cadeia!
 Sem terra, enterra!
 Sem renda, se renda! Não! Não! [...] ³⁵

Além de sua ONG “Pensando Junto” que promove o acesso à cultura e à educação, Gabriel tem participação ativa em dois projetos de formação de atletas, especificamente do ramo do futebol, o “Pensador Futebol” e o “Dream Football”, este em parceria com Luís Felipe Scolari e Luis Figo (jogador Português). Desta forma, Gabriel media sonhos e carreiras de meninos de comunidades carentes:

Vamos fazer uma rede e proporcionar oportunidades para o início de carreira em alguns clubes do Brasil. Será útil para todos. Nenhum garoto terá obrigação comigo, Felipão ou Figo. Vamos avaliá-los e abrir possibilidades. O meu papel é mais para ampliar a rede de relacionamentos com os novos atletas (PENSADOR, 2012).³⁶

A canção “Brazuca” conta a história de dois irmãos, que, criados na periferia, têm destinos diferentes. Um deles, o Brazuca, tem seu talento para o futebol descoberto e reconhecido, enquanto o outro, Zé Batalha, sem estudo ou talento especial, luta pela sobrevivência e acaba assassinado, confundido com um bandido. Também “Pátria que me Pariu” trata das vicissitudes da vida de uma criança do morro, filho de prostituta, que ganha a vida nos sinais, vendendo balas e tem o mesmo fim do Zé Batalha do rap “Brazuca”.

³⁵ Gabriel, o Pensador. Até Quando? [2ª faixa do álbum “Seja você mesmo (Mas não seja sempre o mesmo)”], 2001. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/30449/>>. Acessado em: 20 de dezembro de 2013.

³⁶ Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/01/22/pegando-carona-na-copa-2014-figo-lanca-no-brasil-projeto-para-talentos-de-comunidades.htm>>. Acessado em 20 de dezembro de 2013.

Já “Mário” relata o caso de um menino que reverteu sua história, estudando e lutando contra todos os preconceitos e que acabou tornando-se um revolucionário, e, segundo o compositor, um exemplo a ser seguido. Em “O Resto do Mundo” Gabriel fala de um mendigo, cujo sonho é morar numa favela, o que lhe conferiria um pouco de dignidade.

Em “Estudo Errado” o rapper aborda o ensino nas escolas de ensino fundamental, que poderia ser mais estimulante, pertinente e disponível, fazendo com que crianças como essas das histórias do Pensador tivessem oportunidade e vontade de crescer e mudar esse panorama.

Encarem as crianças com mais seriedade
Pois na escola é onde formamos nossa personalidade
Vocês tratam a educação como um negócio
Onde a ganância, a exploração, e a indiferença são sócios
Quem devia lucrar só é prejudicado
Assim vocês vão criar uma geração de revoltados
Tá tudo errado e eu já tou de saco cheio
Agora me dá minha bola e deixa eu ir embora pro recreio [...] ³⁷

Com essas músicas, Gabriel denuncia uma realidade que muitos tratam como ficção, mas que é fato, e não pode ser ignorada. É expondo as feridas de um mundo e de outro que o compositor busca o respeito, a conscientização e a transformação da realidade, conectado com a filosofia do hip hop, da qual é um dos fomentadores em terras “brasileiras-tupiniquins”.

³⁷ Gabriel, o Pensador. Estudo Errado (6ª faixa do álbum “Ainda é só o Começo”), 1995. Letra disponível em: <<http://letras.mus.br/gabriel-pensador/66375/>>. Acessado em 21 de dezembro de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi investigar de que maneira e até que ponto a obra do rapper Gabriel, o Pensador, funcionou como elemento de ligação entre morro e asfalto. Para fundamentação teórica foram pesquisados conceitos como os de globalização, cultura, identidade, entre-lugar e mediação. Foram estudados autores como Stuart Hall, Silviano Santiago, Gilberto Velho, Néstor García Canclini, entre outros, que contribuíram para a compreensão destes conceitos e para a construção da linha de pensamento que orientou o trabalho.

Para explicar os recursos utilizados na mediação de realidades entre grupos distintos, foram analisados o estilo, a biografia e a obra do compositor. A origem, a ideologia e o alcance do movimento hip hop, estilo escolhido por Gabriel, foram relatados no primeiro capítulo, o que facilitou o entendimento das motivações e engajamento do artista nas questões sócio-político-culturais.

Concluiu-se que Gabriel evidencia, com a sua arte, as diferenças que existem em número cada vez maior, posto que as identidades estão mais fluidas devido à facilidade de comunicação que tem sido ampliada com o alcance massivo das novas mídias. Estas múltiplas possibilidades de hibridação cultural enriquecem as culturas, e oportunizam a reflexão e aceitação da diversidade. Várias músicas do rapper são inspiradas em personagens que são fruto dessas novas combinações identitárias.

O compositor tenta ressaltar com seu trabalho que a convivência e o respeito são possíveis e que há um lugar onde todos se irmanam: a cidadania consciente. É para esse ponto que convergem todas as suas canções e atitudes.

A mediação ocupou posição especial neste trabalho por ser este o conceito que mais representa o compositor, permeando a carreira e a vida do rapper. Gabriel, habituado desde cedo a frequentar diferentes ambientes sociais, conseguiu fazer a ponte entre esses diferentes mundos numa via de mão dupla. Talvez isso se deva ao fato do artista ter se mudado várias vezes na infância, residindo tanto na zona norte, quanto na zona sul do Rio de Janeiro, e de ter desenvolvido amizade no “Cantão” da praia de São Conrado, com os meninos da comunidade da Rocinha.

Desde o início de sua carreira, o entusiasmado Gabriel desejava divulgar o movimento para além das fronteiras da periferia. Para atingir esse objetivo, abriu várias frentes: mesclou o rap a outros ritmos, compôs e dividiu o palco inúmeras vezes com artistas do hip hop e de outros estilos musicais. Além disso, usou trechos de outras canções populares, homenageando

compositores consagrados. O Pensador também escreveu livros para crianças e adultos, deu palestras em escolas, fundou, organizou e participa até hoje de trabalhos sociais para inclusão de crianças brasileiras de comunidades carentes. Graças a essa versatilidade, seus fãs têm perfis diferenciados, seja quanto à classe social, idade, etnia ou gosto musical.

Gabriel sofreu inúmeras críticas no início da carreira. Sua etnia e sua condição social foram questionadas pelo grupo mais radical da cultura hip hop. O argumento utilizado era a falta de autenticidade: como um branco, que não vivia na periferia, poderia falar de uma realidade que não vivenciava? Porém, o rapper confirmou sua relevância como compositor e divulgador das causas do movimento, posto que o diferencial de sua arte é exatamente a empatia. Gabriel consegue frequentar e se misturar com naturalidade à periferia, captando seu olhar e sentimento, e mais, a peculiaridade de seu estilo eclético possibilitou uma maior mobilização em torno das questões a serem propagadas.

Outra crítica sofrida pelo artista, na época, foi a maxiexposição nas mídias. Hoje, outros rappers começam a trilhar esse mesmo caminho, já que perceberam que este é um bom meio para divulgar o movimento, sem ter que abrir mão de suas convicções.

A proposta de trabalho de Gabriel, mais que uma reflexão profunda de ordem filosófica, é a de repensar certas regras sociais que segregam e de cobrar ações políticas que garantam os direitos dos cidadãos, revertendo um panorama político-social injusto. Seu trabalho e sua postura têm funcionado como elemento de ligação entre morro e asfalto, e de fato, vai além, quando costura ritmos brasileiros e perpetua peças clássicas e importantes do cancionário nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA, F. G. (sel. e org.). “Saramago, el pesimista utópico”, *Turia*, Teruel, n. 57, 2001. In: *As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

ANDRIOLI, A. I. “Efeitos Culturais da Globalização”. *Revista Espaço Acadêmico* – a. 3, n. 26, jul. 2003.

ARIAS, P. G. *La cultura*. Estrategias conceptuales para comprender a identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia. Abya-Yala: Quito, Equador, 2002.

BASTOS, P. N. “O jogo de espelhos”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30. 2007, Santos. *Resumo*. São Paulo: Intercom, 2007.

_____. *Movimento hip hop do ABC paulista: sociabilidade, intervenções, identificações e mediações sociais, culturais, raciais, comunicacionais e políticas*. 2008. 325f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CANCLINI, N. G. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

_____. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CARDOSO FILHO, J.; JANOTTI JÚNIOR, J. “A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática.” In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29. 2006, Brasília. *Resumo*. São Paulo: Intercom, 2006.

CORNIANI, F.R. “Rap: manifestação popular urbana”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25. 2002, Salvador. *Anais*. São Paulo: Intercom, 2002. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/6032743151730785170139029599693728737.pdf>

DJ TR, *Acorda hip-hop!:* despertando um movimento em transformação. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

GALVÃO, T. V. B. “Hip hop e mídia: negociando interesses e ampliando conceitos”. *Ciberlegenda*, Rio de Janeiro, a. 8, n. 16, dez. 2006. Disponível em:
http://www.uff.br/ciberlegenda/gt4_tatianagalvao.pdf

GOMES, J. S. *Paixão em estado bruto. Movimento hip hop: palco e projeto de uma juventude*. 2009. 204f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

GUIMARÃES, M. E. A. “A globalização e as novas identidades: o exemplo do rap.” *Perspectivas*, São Paulo, v. 31, p. 169-186, jan./jun. 2007. Disponível em:
<http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/525/477>

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005 [1992].

_____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HERSCHMANN, Micael (org.). *Abalando os anos 90: funk e hip-hop*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

NERCOLINI, Marildo José. *A construção cultural pelas metáforas: A MPB e o Rock Nacional Argentino repensam as fronteiras globalizadas*. 2005. 348f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

O PENSADOR, Gabriel. *Diário Noturno*. 2 ed. Rio de Janeiro: Hip Hop Brasil Empreendimentos Artísticos, 2010.

_____. *Um garoto chamado Rorbetto*. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

RICHARD, Big. *Hip hop: Consciência e Atitude*. São Paulo: LivroPronto, 2005.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. *Hip Hop – A periferia grita*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, J. C. G. “Arte e educação: a experiência do movimento Hip hop paulistano”. In: ANDRADE, E. N. (org.) *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999.

_____. *Rap na Cidade de São Paulo: música, etnicidade e experiência urbana*. 1998. 285f. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SOUZA, Gustavo. “Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop”. *Animus: Revista interamericana de comunicação midiática* / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais Humanas. v. 3, n. 2, p 68-77, 2004. Disponível em: cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus/article/.../pdf

VELHO, Gilberto. “Biografia, trajetória e mediação”. In: KUSCHNIR, Karina; VELHO, Gilberto (org.). *Mediação cultural e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 15-28. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B5aZ2ta5v6yJb2NOZ25aTIJZSVk/edit?usp=sharing&pli=1>

VIANNA, Hermano. “Não quero que a vida me faça de otário!?: Hélio Oiticica como mediador cultural entre o asfalto e o morro”. In: KUSCHNIR, Karina; VELHO, Gilberto (org.). *Mediação cultural e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001, p. 31-60. Disponível

em:

<https://docs.google.com/file/d/0B5aZ2ta5v6yJb2NOZ25aTIJZSVk/edit?usp=sharing&pli=1>

WEISZFLOG, W. (Ed.) *Michaelis moderno dicionário inglês & português*. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

WELLER, Wivian. “A construção de identidades através do hip hop: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers turcos-alemães em Berlim”. In: *Caderno CRH*, Salvador, n. 32, p. 213-232, jan./jun. 2000. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=887&article=88&mode=pdf&OJSSID=0a59ce5843929e3aa10256098b1cef87>

Sites pesquisados:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=590644044315171&set=a.343920065654238.79062.343544169025161&type=3&theater>. Último acesso em 28 de dezembro de 2013.

<http://www.gabrielopensador.com.br/>. Último acesso em 28 de dezembro de 2013.

<http://www.gpensador.com/>. Último acesso em 28 de dezembro de 2013.

<http://letras.mus.br>. Último acesso em 28 de dezembro de 2013.

<http://www.rapnacional.com.br/portal/>. Último acesso em 20 de outubro de 2013.

<http://www.rocinha.org/ongs/view.asp?id=1444>. Último acesso em 09 de dezembro de 2013.

<http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/biografia/>. Último acesso em 21 de dezembro de 2013.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriel,_o_Pensador. Último acesso em 28 de dezembro de 2013.

<http://www.zulunation.com>. Último acesso em 22 de outubro de 2013.

RELAÇÃO DOS CDS COM RESPECTIVAS MÚSICAS CITADAS E/OU ANALISADAS

- CARLOS, Erasmo. *A Pescaria*. Rio de Janeiro: RGE, 1965.
“Festa de Arromba”. Erasmo Carlos e Roberto Carlos [Compositores]. Faixa 3.
- COMBO, Gerson King. *Gerson King Combo*. Rio de Janeiro: Polydor, 1977.
“Mandamentos Black”. Gerson Combo, Pedrinho e Augusto César [Compositores]. Lado B. Faixa 2.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. *Chico Buarque de Hollanda - Volume 2*. Rio de Janeiro: RGE, 1967.
“Quem te viu, quem te vê”. Chico Buarque de Hollanda [Compositor]. Lado A. Faixa 6.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. *Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Polygram, 1978.
“Pivete”. Chico Buarque e Francis Hime [Compositores]. Lado B. Faixa 3.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. *Almanaque*. Rio de Janeiro: Ariola, 1981.
“O Meu Guri”. Chico Buarque de Hollanda [Compositor]. Lado A. Faixa 3.
- JACKSON, Michael. *Thriller*. Los Angeles: Epic, 1982.
“Thriller”. Rod Temperton [Compositor]. Faixa 4.
- MIELE, Luis Carlos. *Melô do Tagarela*. Rio de Janeiro: RCA, 1979.
“Melô do Tagarela”. Luis Carlos Miele e Arnaud Rodrigues [Compositores]. Lado A.
- O PENSADOR, Gabriel. *Gabriel o Pensador*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1993.
“Tô feliz (Matei o Presidente)”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 2.
“Lôrabúrria”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 3.
“Lavagem Cerebral”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 5.
“... E você?”. Agostinho Ferreira da Silva, Gabriel o Pensador, Fabio Fonseca e Marcelo Mansur [Compositores]. Faixa 6.
“Retrato de um playboy (Juventude perdida)”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 7.
“175 Nada Especial”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 8.
“O resto do mundo”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 10.
- O PENSADOR, Gabriel. *Ainda é só o começo*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1995.
“Pão de cada dia”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 2.
“Estudo errado”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 6.
“Como um vício”. Gabriel o Pensador e DJ Leandro [Compositores]. Faixa 12.
- O PENSADOR, Gabriel. *Quebra Cabeça*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1997.
“Pátria que me pariu”. Gabriel o Pensador e André Gomes [Compositores]. Faixa 1.
“Dança do desempregado”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 8.
“Festa da música Tupiniquim”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 11.
- O PENSADOR, Gabriel. *Nádegas a Declarar*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1999.
“Cantão”. Gabriel o Pensador e Liminha [Compositores]. Faixa 1.
“Nádegas a Declarar”. Gabriel o Pensador e Liminha [Compositores]. Faixa 4.
“Brazuca”. Gabriel o Pensador e Ciro Cruz [Compositores]. Faixa 9

- O PENSADOR, Gabriel. *Nádegas a Declarar*. Rio de Janeiro: Sony Music, 2001.
“Seja você mesmo (Mas não seja sempre o mesmo)”. Gabriel o Pensador, Tiago Mocotó e Itaal Shur [Compositores]. Faixa 2.
“Mário”. Gabriel o Pensador e Itaal Shur [Compositores]. Faixa 9.
- O PENSADOR, Gabriel. *MTV ao Vivo (Gabriel o Pensador)*. Rio de Janeiro: Sony Music, 2003.
“Retrato de um playboy, Parte II”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 7.
- O PENSADOR, Gabriel. *Sem Crise*. Rio de Janeiro: Gravadora independente, 2012.
“Linhas Tortas”. Gabriel o Pensador [Compositor]. Faixa 1.
- PROJOTA. *Projeção*. São Paulo: Gravadora independente, 2010.
“Eu sou o rap”. Projota [Compositor]. Faixa 2.
- RACIONAIS MC’S. *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.
“Diário de um Detento”. Mano Brown e Jocenir [Compositores]. Faixa 7.
“Periferia é periferia”. Edi Rock [Compositor]. Faixa 8.
- RACIONAIS MC’S. *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.
“Negro Drama”. Mano Brown e Edi Rock [Compositores]. Disco 1. Faixa 5.
- RODRIGUES, Jair. *Vou de Samba com você*. São Paulo: Philips, 1964.
“Deixa isso pra lá”. Alberto Paz & Édson Menezes [Compositores]. Lado B. Faixa 1.
- SUGARHILL GANG. *Sugarhill Gang*. New Jersey: Sugar Hill Studios, 1979.
“Rapper’s Delight”. S. Robinson, H. Jackson, M. Wright e G. Obrian [Compositores]. Lado A.

ANEXO A



(Montagem postada no perfil oficial do Gabriel, o Pensador no *facebook*, com fotos de cartazes levados às manifestações de 2013, com frases de suas músicas)

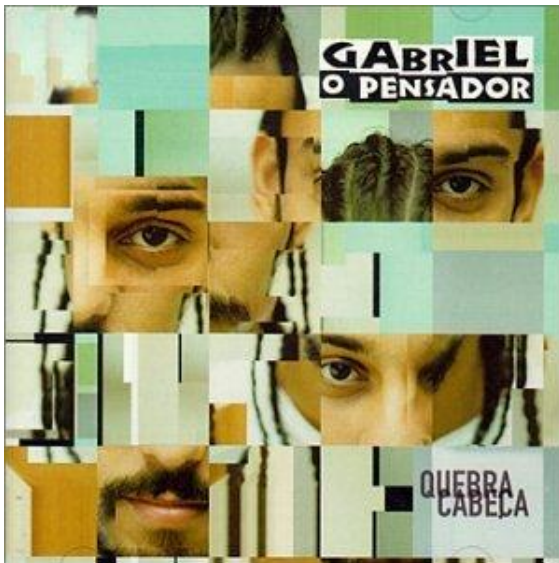
ANEXO B



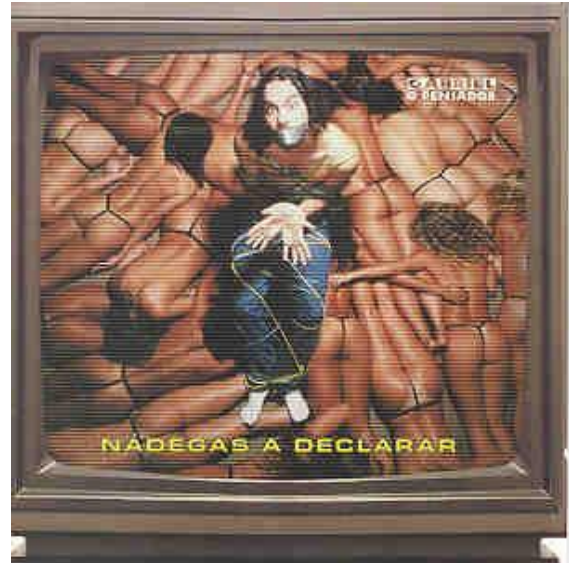
Gabriel O Pensador (1993)



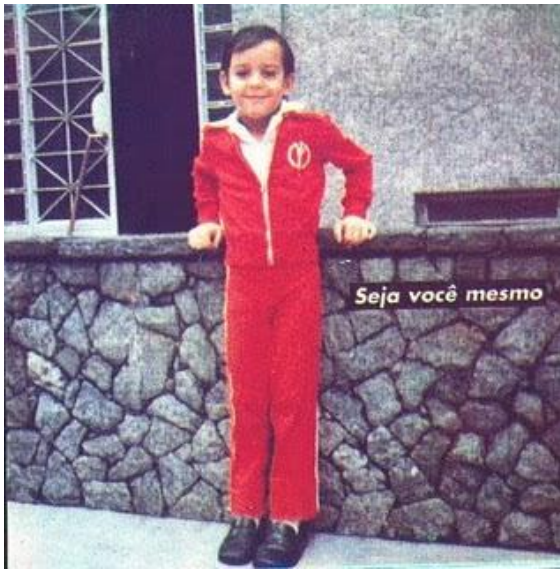
Ainda é só o começo (1995)



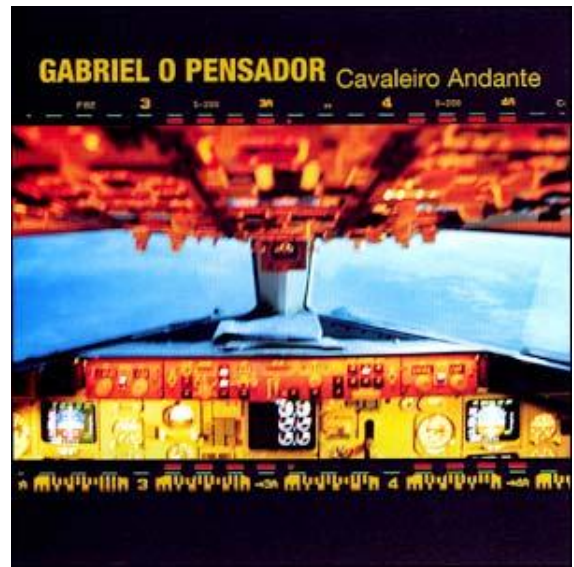
Quebra Cabeça (1997)



Nádegas a Declarar (1999)



Seja você mesmo (Mas não seja sempre o mesmo) (2001)



Cavaleiro Andante (2005)



Gabriel O Pensador para Crianças (2007)



Sem Crise (2012)